

12
anos

revista

Barbante

VOL. XII - Nº 61 - 31 DE MARÇO DE 2024
ISSN 2238-1414

**UMA REVISÃO ABRANGENTE SOBRE A
PEDAGOGIA MONTESSORI**

Pág. 04



PALAVRAS AOS LEITORES E ÀS LEITORAS

A Revista Barbante está feliz com a publicação deste número 61! A cada dia, crescemos mais um pouquinho com as colaborações de vocês, as quais chegam do mundo inteiro! A Barbante é uma menina tímida que gosta de brincar dando nós em seus bonecos para não caírem nas águas profundas do rio Potengi.

Esta nova edição conta com belíssimos textos de artigos, resenhas, poemas, contos e crônicas. Ao longo de doze anos, compartilhamos, por meio da Barbante, essas produções riquíssimas de autores/as competentes, de pesquisadores/as, poetas e escritores/as, compromissados/as com a ciência e a arte!

Estamos muito felizes e satisfeitos/as por termos a confirmação de que vocês acreditam em nosso trabalho, que contribui, parcialmente, para transformar vidas e remodelar realidades, identidades, ao valorizar e refletir partedo imaginário sociocultural, histórico e político brasileiro.

A Barbante está ainda mais rica e potente com os trabalhos de vocês, que nos leem e nos escrevem, incansavelmente! A nossa gratidão a todos/as que, junto a nós, criam laços afetivos de amor e de cuidado entre autores/as que buscam fazer da ciência e da literatura dois meios de aproximar pessoas, ideologias e saberes.

Esperamos que possamos contar com vossas parcerias nos próximos meses e anos vindouros!

Um forte abraço!

Ótima leitura!

Rosângela Trajano
Samuel de Mattos
Monalisa Carrilho de Macedo



Artigos

UMA REVISÃO ABRANGENTE SOBRE A PEDAGOGIA MONTESSORI

Alexandre dos Santos¹; Marcela Santos de Souza²; Paula Martins Ramos²

¹Graduado; Universidade Federal de Sergipe, E-mail:

²Graduada; Universidade Federal de Sergipe, E-mail: marcelasouza01@gmail.com

³Graduada; Universidade Federal de Sergipe, E-mail:

Resumo:

Este artigo revisa a Pedagogia Montessori, focando seu impacto no desenvolvimento infantil. Explora origens, destaca princípios e busca compreensão histórica. O objetivo é analisar a aplicação desses princípios na prática educacional contemporânea, evidenciando adaptações em diversos contextos globais. Na esfera das práticas educacionais montessoriana, a investigação se aprofunda na análise dos materiais didáticos sensoriais. Este artigo adota uma metodologia embasada em revisão bibliográfica extensiva, explorando as raízes históricas e os princípios fundamentais da Pedagogia Montessori. Avalia estudos investigativos sobre os impactos na aprendizagem infantil e destaca vantagens percebidas. A conclusão sintetiza descobertas, destacando a relevância contínua da Pedagogia Montessori. Propõe sugestões para pesquisas futuras, visando compreensão mais profunda.

Palavra-chave: Educação para a Vida, Método Montessoriano, Princípios Educacionais.

1 Introdução

Este artigo analisa a aplicação dos princípios da Pedagogia Montessori na educação contemporânea, destacando suas adaptações em vários contextos educacionais globais. Explora como princípios como autonomia e papel do educador são incorporados nas práticas atuais, oferecendo insights sobre sua aplicabilidade em escala global.

Discutiremos neste artigo a revisão bibliográfica para explorar as origens e princípios da Pedagogia Montessori, analisando a vida de Maria Montessori e seu contexto histórico. Destaca princípios como autonomia e papel do educador, fundamentando o desenvolvimento contemporâneo dessa abordagem educacional pioneira.

A análise crítica da Pedagogia Montessori revela a conexão entre suas origens históricas e sua aplicação atual. Considera-se o impacto de Maria Montessori no desenvolvimento dos princípios educacionais e como suas ideias iniciais ainda influenciam as práticas educacionais contemporâneas.

No início do século XX, período de transformações rápidas, Maria Montessori se destacou como pensadora visionária e educadora. Sua formação médica proporcionou uma perspectiva única, ancorando sua abordagem nas ciências naturais e profunda compreensão do desenvolvimento infantil (LANCILLOTTI, 2010).

Explorando seus princípios fundamentais, Maria Montessori via a educação não apenas como transmissão de conhecimento, mas como um veículo para o desenvolvimento integral do indivíduo, fundamentando-se em liberdade, autonomia e ambiente preparado.

Na visão montessoriana, a liberdade não é simples ausência de restrições, mas sim a chance para a criança explorar e construir conhecimento de maneira independente. Ambientes cuidadosamente preparados incentivam escolhas e autodireção, promovendo o desenvolvimento integral das crianças.

É Freire (1996, p. 41) quem escreve:

[...] O que é preciso, fundamentalmente mesmo, é que o filho assuma eticamente, responsabilmente, sua decisão, fundante de sua autonomia. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Por que, por exemplo, não desafiar o filho, ainda criança, no sentido de participar da escolha da melhor hora para fazer seus deveres escolares? Por que o melhor tempo para esta tarefa é sempre o dos pais? Por que perder a oportunidade de

ir sublinhando aos filhos o dever e o direito que eles têm, como gente, de ir forjando sua própria autonomia? Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade.

Contudo, Paulo Freire defendeu ambientes educacionais que promovem a autonomia e liberdade dos alunos, permitindo-os explorar e construir conhecimento ativamente. Ele compartilha uma perspectiva semelhante à visão montessoriana, onde a liberdade na educação não é apenas ausência de restrições, mas a chance para alunos se desenvolverem integralmente em ambientes preparados.

Ao examinar a trajetória histórica da Pedagogia Montessori, compreendemos como seus princípios resistiram ao tempo e se adaptaram a diversos contextos. Observamos sua influência global na educação contemporânea, refletida na personalização do aprendizado e na autonomia do aluno, apesar de desafios como aplicabilidade universal e lacunas nas evidências científicas serem discutidos criticamente.

Reconhecer críticas enriquece a compreensão da abordagem montessoriana, permitindo uma reflexão construtiva sobre sua adaptação aos desafios contemporâneos. Este artigo consciente é crucial para discutir modelos educacionais inovadores, destacando que todos estão sujeitos a escrutínio e aprimoramento contínuo.

Investigação encerra questionando futuro da Pedagogia Montessori, adaptando-se às próximas gerações frente aos desafios do século XXI. Reflete-se sobre seu papel diante das transformações educacionais. Parte superior do formulário

Ao longo deste artigo, exploramos séculos e continentes, analisando não apenas a história e os princípios da Pedagogia Montessori, mas também sua resiliência e adaptação ao longo do tempo. Reconhecemos sua vitalidade contínua e potencial transformador nas narrativas educacionais futuras.

2 Metodologia

A metodologia deste estudo envolve uma revisão bibliográfica ampla para aprofundar a compreensão dos princípios da Pedagogia Montessori. Inclui pesquisa em diversas fontes, como livros e artigos, visando compilar um panorama representativo sobre o tema.

A investigação teve início nos tomos especializados, veneráveis depósitos de erudição. Obras dedicadas à vida e obra de Maria Montessori, juntamente com tratados contemporâneos sobre a prática da Pedagogia Montessori no Brasil, foram meticulosamente escolhidas. A análise desses volumes proporcionou uma imersão profunda nas nuances históricas e conceituais dessa abordagem, fornecendo insights preciosos para a compreensão abrangente da Pedagogia Montessori em âmbito nacional.

A pesquisa de artigos acadêmicos desempenhou um papel vital na obtenção de reflexões contemporâneas sobre a Pedagogia Montessori, revelando a dinâmica do conhecimento acadêmico. A inclusão criteriosa desses recursos na revisão bibliográfica equilibrou a história com a relevância contemporânea, garantindo um corpo coeso de conhecimento.

Em síntese, a metodologia adotada, centrada na revisão bibliográfica, proporcionou uma abordagem sistemática e abrangente para explorar as fundamentações da Pedagogia Montessori. O resultado desse processo é um entendimento mais profundo e contextualizado dessa abordagem educacional única, consolidado a partir das contribuições diversas e interdisciplinares presentes nas fontes consultadas.

3 Revisão da Literatura

A investigação das origens da Pedagogia Montessori, uma inovação educacional do século XX, é essencial para compreender suas bases fundacionais enraizadas na vida e obra da educadora Maria Montessori.

Nascida em 31 de agosto de 1870, em Chiaravalle, Itália, Maria Montessori iniciou sua trajetória acadêmica visando a medicina, notável para uma mulher na virada do século XIX. Seu interesse inicial em medicina e biologia fundamentou sua abordagem educacional, enraizada no

entendimento do desenvolvimento humano(LANCILLOTTI, 2010).

A jornada acadêmica de Montessori a conduziu à Universidade de Roma, onde se tornou uma das pioneiras na Itália a obter o título de doutora em medicina em 1896 (LANCILLOTTI, 2010). Contudo, foi sua experiência prática, ao trabalhar com crianças com necessidades especiais, que influenciou suas concepções sobre educação. Em 1907, Montessori ingressou na Casa dei Bambini, uma instituição para crianças de famílias operárias em Roma, marcando o início do desenvolvimento de suas teorias pedagógicas revolucionárias.

A atenta observação do comportamento infantil na Casa dei Bambini foi o marco inicial para a concepção de uma abordagem educacional focada no aluno e direcionada ao desenvolvimento holístico. Montessori reconheceu a capacidade inata das crianças de aprender de forma autônoma, dando início à formulação de sua metodologia. Nesse período crucial, conceitos fundamentais como a ênfase no ambiente preparado, na liberdade com responsabilidade e no respeito pelo ritmo individual de aprendizagem começaram a tomar forma e tornaram-se pilares centrais dessa abordagem educacional inovadora. Ela acreditava que a escola seria capaz de impactar positivamente a vida das crianças (BARROS, PEREIRA, 2005).

Krefta (2011) destaca que, ao definir a criança como um indivíduo em processo de crescimento, a prática revela a predominância de abordagens assistencialistas nas creches, contrastando com uma clara inclinação para a pedagogia na pré-escola.

O que se percebe é que mesmo ao definir a criança como um ser em desenvolvimento, na prática, dominam a tendência assistencialista nas creches e a pedagogia na pré-escola. Dessa forma não estão atentos na idade nem nas necessidades específicas da criança, como a expressão lúdica, o desenvolvimento cognitivo e afetivo, a socialização e a interação(KREFTA, 2011, p 3).

Essa constatação aponta para a falta de atenção à faixa etária e às demandas específicas das crianças, tais como a promoção do aspecto lúdico, o desenvolvimento cognitivo e afetivo, a socialização e a interação.

O método Montessori rapidamente atraiu a atenção e elogios de educadores em todo o mundo devido aos seus resultados notáveis. O foco na autonomia, na independência e no desenvolvimento integral das habilidades da criança diferenciou-se significativamente das práticas pedagógicas convencionais da época. Assim, conforme enfatizado por Carvalho, Carvalho (2010), a pedagogia montessoriana estabeleceu a função do educador, através da observação das crianças, como o responsável por organizar o ambiente, atuando como facilitador das atividades.

Maria Montessori fundamentou sua abordagem educacional em observações práticas, convicções filosóficas e científicas. O movimento feminista, princípios da Escola Nova e teorias de Rousseau, Pestalozzi e Froebel influenciaram sua visão. Integrando conhecimentos médicos e neurocientíficos, desenvolveu a "educação sensorial", essencial na Pedagogia Montessori.As origens desse método não podem ser plenamente compreendidas sem contextualizar as mudanças sociais e educacionais da época, quando a ênfase na disciplina e memorização começou a ser questionada em favor de abordagens mais centradas na criança (CARVALHO, CARVALHO, 2010).

3.1 Princípios Fundamentais

A análise dos princípios fundamentais da Pedagogia Montessori revela um sistema educacional intrinsecamente único e inovador, delineado por Maria Montessori no início do século XX. Esta abordagem, baseada em observações cuidadosas e experiências práticas, fundamenta-se em diversos princípios centrais que são essenciais para a compreensão profunda dessa filosofia educacional.

Carvalho e Carvalho (2010) destacam que um dos princípios mais distintivos da Pedagogia Montessori é a ênfase na autonomia da criança. A abordagem de Montessori confia na capacidade intrínseca das crianças para aprender de forma independente e autodirigida, criando um ambiente que capacita a criança com liberdade de escolha e a oportunidade de explorar áreas de interesse pessoal. Esse princípio é fundamentado na confiança na natureza inerente da criança de buscar conhecimento de maneira ativa e autônoma.

Carvalho e Carvalho (2010) destacam o ambiente preparado como pilar fundamental da Pedagogia Montessori. Montessori, ao reconhecer a importância do ambiente físico na educação infantil, projetou salas de aula com meticulosidade para promover o desenvolvimento integral. Esses ambientes são estruturados para facilitar a aprendizagem independente, com materiais educativos dispostos de maneira acessível e organizada. O conceito de ambiente preparado enfatiza a importância do espaço físico, ordem e estética no processo educacional, criando um ambiente que inspira a criança a explorar, descobrir e aprender.

Outro princípio vital da Pedagogia Montessori é o papel central do educador como guia. Em contraste com a abordagem mais tradicional de ensino, em que o professor desempenha um papel dominante, o educador montessoriano é visto como um facilitador e observador atento. Montessori acreditava que o papel do educador é orientar, apoiar e proporcionar um ambiente estimulante, permitindo que a criança desenvolva suas habilidades naturalmente. Essa perspectiva coloca ênfase na relação colaborativa entre educador e aluno, promovendo uma abordagem mais holística e personalizada para o aprendizado (LIMA, 2007, p. 12).

Na visão de Davies e Costa (2021), a individualidade da criança é um princípio intrínseco à Pedagogia Montessori. A autora destaca que cada criança é considerada única, possuindo suas próprias habilidades, ritmos de desenvolvimento e interesses. A abordagem montessoriana, conforme apontado pelos autores, reconhece e respeita essa singularidade, buscando a adaptação do ensino às necessidades específicas de cada criança. Nesse contexto, os materiais educativos são cuidadosamente escolhidos com base na observação das necessidades e interesses individuais, proporcionando assim que cada criança progrida em seu próprio ritmo. Conforme, (DAVIES e COSTA 2021):

Se uma criança pequena fica interessada em subir na mesa é um período sensível para os movimentos e ela precisa praticá-los. Mas em vez de deixá-la subir nos móveis, podemos criar um percurso com obstáculos usando almofadas, mantas, objetos para ela se equilibrar em cima e outros para escalar (DAVIES, COSTA, 2021).

Educadores inovadores enfrentaram a difícil tarefa de harmonizar o crescimento da educação com a personalização do ensino, dedicando-se a encontrar soluções inovadoras. A psicologia, desde Pestalozzi, assumiu um papel destacado como ciência que apoiaria a identificação e atendimento das necessidades individuais dos alunos, ganhando cada vez mais importância ao longo do século XX.

De acordo com, Fontenele & Silva (2012) destaca a interconexão entre mente e corpo, princípio subjacente à Pedagogia Montessori. Essa abordagem se reflete na ênfase em atividades práticas e materiais sensoriais, reconhecendo que as crianças aprendem melhor através de experiências práticas e manipulativas. A educação montessoriana integra elementos como desenvolvimento motor fino, coordenação motora e raciocínio sensorial, reconhecendo a importância de abordar as necessidades do corpo e da mente de maneira interligada.

É necessário destacar adequadamente o abrangente movimento da Escola Nova, dada sua significativa influência na educação contemporânea, pelo menos como concepção. Isso é apontado por Cambi:

A criança é espontaneamente ativa e necessita, portanto, ser libertada dos vínculos da educação familiar e escolar, permitindo-lhe uma livre manifestação de suas inclinações primárias. Em consequência desse pressuposto essencial a vida da escola deve sofrer profundas mudanças: deve ser, se possível, afastada do ambiente artificial e construtivo da cidade; a aprendizagem deve ocorrer em contato com o ambiente externo, em cuja descoberta a criança está espontaneamente interessada, e mediante atividades não exclusivamente intelectuais, mas também de manipulação, respeitando desse modo a natureza 'global' da criança, que não tende jamais a separar conhecimento e ação, atividade intelectual e atividade prática (CAMBI, 1999).

Ao examinar os princípios fundamentais da Pedagogia Montessori, percebe-se uma perspectiva educacional única e abrangente. A autonomia, o ambiente preparado, o papel do educador como guia, a individualidade da criança e o desenvolvimento holístico são pilares inovadores que continuam a moldar a educação contemporânea. A influência duradoura da Pedagogia Montessori vai além da sala de aula, promovendo uma visão educacional que respeita e nutre a natureza

intrínseca de cada criança (BARROS, FERREIRA, 2005).

3.2 Práticas Educacionais

A Pedagogia Montessori, desenvolvida por Maria Montessori no início do século XX, é conhecida por suas práticas educacionais inovadoras e centradas na criança. Neste texto, realizaremos uma análise detalhada das práticas específicas utilizadas na Pedagogia Montessori, destacando elementos distintivos como o uso de materiais didáticos sensoriais, o respeito pelo ritmo individual de aprendizagem e a importância atribuída à educação para a vida.

Um dos fundamentos essenciais das práticas educacionais montessorianas envolve o cuidadoso desenvolvimento e utilização de materiais didáticos sensoriais. Maria Montessori compreendeu a importância da estimulação sensorial no processo de aprendizagem infantil, levando-a a criar materiais educativos que oferecem experiências táteis, visuais e auditivas. Tais materiais são elaborados para atrair a atenção da criança e incentivar a exploração ativa. Desde blocos de construção até jogos sensoriais, cada material é selecionado com base nas necessidades específicas e nos estágios de desenvolvimento da criança, proporcionando uma compreensão mais profunda e significativa dos conceitos (LANCILLOTTI, 2010).

Ao incorporar o princípio do respeito pelo ritmo individual de aprendizagem Araújo, Avanzini, Araújo (2005), a Pedagogia Montessori destaca a ausência de pressa artificial para atingir marcos específicos. Cada criança é reconhecida como única, com seu próprio ritmo e estilo de aprendizagem. Educadores montessorianos observam cuidadosamente interesses e habilidades individuais, adaptando o ensino de maneira personalizada. Esse respeito pela singularidade não apenas promove um ambiente de aprendizagem positivo, mas também incentiva a autoestima e a confiança na busca do conhecimento.

Diferentemente de muitas abordagens tradicionais, Montessori via o educador como um facilitador e observador ativo, em vez de um instrutor direto. O educador Montessoriano é orientado a criar um ambiente preparado, rico em materiais educativos, que permita às crianças explorarem e aprenderem de forma autônoma.

O primeiro papel do educador é, pois, "estimular a vida, deixando-a totalmente livre de se desenvolver", "ajudar a alma que nasce para a vida e que viverá das suas próprias forças"³⁹.

Montessori distingue, assim, entre dois fatores – o guia e o exercício individual –, residindo a arte pessoal do educador na oportunidade e nas modalidades da sua intervenção no que respeita a "guiar a educação espontânea da criança e inculcar-lhe as noções necessárias" – "convém associar bem cedo a linguagem às percepções"⁴⁰ –, deixando à criança a sua auto-educação (ARAÚJO, AVANZINI, ARAÚJO, 2005).

O educador Montessori observa atentamente cada criança, identificando seus interesses, necessidades e estágios de desenvolvimento. Com base nessas observações, o educador orienta o processo de aprendizagem, apresentando materiais e atividades adequados. A ênfase recai na individualidade de cada criança, permitindo que avancem em seu próprio ritmo.

Na estrutura pedagógica Montessori, o educador atua como um facilitador social, fomentando interações positivas entre os alunos e cultivando um ambiente de respeito mútuo. A ênfase na autonomia e responsabilidade é notável, encorajando os alunos a assumirem o controle de seu próprio aprendizado. A liberdade dentro de limites claros é uma característica proeminente, permitindo exploração livre enquanto desenvolve autodisciplina e habilidades de tomada de decisão. A abordagem valoriza a aprendizagem prática e contextualizada, incentivando a aplicação de conceitos acadêmicos na vida real. Isso não apenas aumenta o engajamento, mas também prepara os alunos para enfrentar os desafios do mundo real com eficácia (CESÁRIO, 2007).

O papel do professor na Pedagogia Montessori, conforme destacado por Oliveira e Bortoloti (2012), é de facilitador e observador atento. Educadores orientam, oferecem suporte e criam um ambiente propício à aprendizagem. Observam as necessidades e interesses das crianças, intervindo quando necessário, mas permitindo que a autonomia e a autodireção sejam incentivadas. Essa postura de educador como guia cria um ambiente de aprendizado colaborativo e respeitoso.

O professor montessoriano é um guia, um orientador. Deve ter uma formação especial (treinamento em Educação Montessoriana), uma vez que não trabalha ao mesmo tempo com todos os alunos, em um mesmo grupo, de uma só vez, além de necessitar de um grande domínio com os materiais no desenvolvimento do trabalho. Ele, além de lúdico e criativo, deve ter a capacidade de ser

paciente, acreditar que a criança revelará todas as suas potencialidades, se lhe forem oferecidos meios para isso (OLIVEIRA, BORTOLOTI, 2012, p. 20).

No âmbito da educação, Oliveira e Bortoloti (2012) ressaltam que a Pedagogia Montessori se caracteriza por uma abordagem centrada na criança, priorizando sua individualidade, autonomia e relevância para a vida. Elementos como materiais sensoriais, respeito ao ritmo de aprendizagem e liberdade dentro de limites moldam essa experiência educacional única, destacando a importância de promover um ambiente que estimule o desenvolvimento individual e a autonomia das crianças. Essa abordagem continua a influenciar o campo da educação, enfatizando a necessidade de ambientes de aprendizagem que promovam o desenvolvimento integral e significativo das crianças.

3.3 Impactos Na Aprendizagem Infantil

A Pedagogia Montessori, centrada na criança, criada por Maria Montessori, é objeto de estudos sobre seus benefícios e desafios na aprendizagem infantil em diversos contextos educacionais. Estudos ressaltam a importância do ambiente preparado na Pedagogia Montessori. Ambientes bem organizados e adaptados às necessidades das crianças são associados a um aumento na concentração, independência e autorregulação.

A interação entre crianças de diferentes idades na sala de aula Montessori é vista como uma oportunidade para o desenvolvimento de habilidades sociais. Estudos indicam que a convivência com colegas de diferentes idades pode promover a empatia, a colaboração e a responsabilidade mútua (CARRARA, 2004).

Uma dificuldade frequente ao incorporar a Pedagogia Montessori está vinculada aos métodos tradicionais de avaliação. Em diversos ambientes educacionais convencionais, a avaliação costuma se fundamentar em testes padronizados, uma abordagem que pode não abranger integralmente o avanço e as competências cultivadas por meio da metodologia Montessori (LIMA, 2007).

A transição de métodos educacionais tradicionais para a Pedagogia Montessori pode exigir uma adaptação curricular significativa. A necessidade de desenvolver ou modificar materiais específicos, alinhados aos princípios Montessori, pode representar um desafio logístico e financeiro para algumas instituições. Em alguns casos, a resistência institucional pode ser um obstáculo. A Pedagogia Montessori muitas vezes exige uma reestruturação considerável na dinâmica escolar, e nem todas as instituições estão dispostas ou capacitadas para fazer essas mudanças substanciais.

A formação de educadores na metodologia Montessori é crucial para o sucesso da abordagem, como destacado por Araújo (2005). A falta de treinamento adequado pode representar um desafio significativo. Adquirir um entendimento aprofundado dos princípios Montessori e a habilidade de implementá-los de maneira efetiva demandam investimentos consideráveis em desenvolvimento profissional.

Em última análise, a avaliação dos impactos da Pedagogia Montessori na aprendizagem infantil é um campo em constante evolução. Embora haja evidências substanciais que apontem para os benefícios dessa abordagem, é importante reconhecer que a implementação bem-sucedida requer um comprometimento abrangente de educadores, pais e instituições educacionais. Pesquisas futuras exploram a integração ideal da Pedagogia Montessori em diferentes contextos educacionais. Sua contribuição para a aprendizagem infantil é uma área promissora, destacando-se por nutrir o potencial individual de cada criança.

4 Discursão

A Pedagogia Montessoriana, difere dos modelos tradicionais. Compararemos suas características com outras abordagens, destacando vantagens e críticas, e exploraremos sua aplicabilidade em contextos educacionais diversos globalmente.

A abordagem Montessori se destaca pela autonomia e aprendizagem autodirigida, ao contrário do modelo estruturado da educação tradicional Saviani (1999). Comparada à educação construtivista, compartilha a ênfase na construção do conhecimento pelo aluno, com destaque para o ambiente preparado e materiais didáticos específicos. A vantagem percebida reside na promoção do desenvolvimento holístico, integrando aspectos cognitivos, sociais, emocionais e

físicos para preparar os alunos para uma vida plena. A autonomia e autodisciplina enfatizadas por Oliveira e Bortoloti (2012) fomentam habilidades autogerenciadas, permitindo aos alunos escolher atividades e progredir em seu próprio ritmo, promovendo responsabilidade e autodireção. A abordagem Montessori estimula a criatividade ao permitir que as crianças explorem e descubram conceitos de maneira independente. Isso contrasta com abordagens mais estruturadas, onde a criatividade pode ser limitada por currículos rígidos.

Uma crítica comum à Pedagogia Montessori é que ela pode não preparar adequadamente os alunos para contextos educacionais mais tradicionais, nos quais a estrutura e os métodos de ensino são diferentes. Neste contexto, enfatizamos as inovações direcionadas aos ambientes de pré-escola e às etapas iniciais do ensino formal Fontenele e Silva (2012).

A Pedagogia Montessori se adapta a diversas culturas, integrando elementos locais. Apesar da flexibilidade, há desafios na implementação em sistemas educacionais distintos, exigindo formação de educadores e aceitação pela comunidade educacional.

Em conclusão, a Pedagogia Montessori, com suas características distintivas, apresenta vantagens e desafios que são importantes considerar na comparação com outras abordagens educacionais. A discussão sobre sua aplicabilidade em diferentes culturas e sistemas educacionais destaca a necessidade de flexibilidade e adaptação para maximizar seus benefícios em uma variedade de contextos educacionais ao redor do mundo.

5 Conclusão

Na conclusão deste artigo proporciona uma análise abrangente da aplicação e evolução da Pedagogia Montessori na educação contemporânea, examinando suas origens, princípios, práticas educacionais e impactos na aprendizagem infantil. Maria Montessori, uma figura visionária no início do século XX, fundamentou sua abordagem educacional em observações práticas e teorias filosóficas e científicas, destacando-se por sua formação médica que influenciou sua compreensão única do desenvolvimento infantil (LANCILLOTTI, 2010). Seus princípios, como autonomia e ambiente preparado, continuam a moldar as práticas educacionais contemporâneas, refletindo uma visão holística do desenvolvimento infantil (FREIRE, 1996).

A ênfase na autonomia e no desenvolvimento autodirigido da criança é um aspecto distintivo da Pedagogia Montessori, alinhado com a perspectiva de Paulo Freire sobre a importância da participação ativa dos alunos na construção de seu próprio conhecimento (FREIRE, 1996). Essa abordagem destaca a liberdade dentro de limites claros, proporcionando às crianças a oportunidade de explorar e descobrir de forma independente, ao mesmo tempo em que desenvolvem autodisciplina e responsabilidade (CARVALHO, CARVALHO, 2010).

A análise crítica da Pedagogia Montessori revela a conexão entre suas origens históricas e sua aplicação atual, considerando o impacto de Maria Montessori no desenvolvimento dos princípios educacionais (LANCILLOTTI, 2010).

Krefta (2011) destaca a predominância de abordagens assistencialistas em creches contrastando com a pedagogia na pré-escola, ressaltando a necessidade de atenção às necessidades específicas das crianças. Parte superior do formulário

A implementação da Pedagogia Montessori requer um ambiente cuidadosamente preparado, com materiais educativos sensoriais que estimulam a aprendizagem ativa e experiencial (FONTENELE & SILVA, 2012). A observação cuidadosa das necessidades e interesses individuais das crianças orienta a prática do educador, que atua como um guia e facilitador, criando um ambiente propício para o desenvolvimento integral das crianças (ARAÚJO, AVANZINI, ARAÚJO, 2005). Essa abordagem valoriza a individualidade de cada criança, adaptando o ensino às suas necessidades específicas e permitindo que avancem em seu próprio ritmo (DAVIES E COSTA, 2021).

A Pedagogia Montessori promove a aprendizagem autodirigida e a autonomia, contrastando com modelos educacionais tradicionais. Sua aplicação em diferentes contextos educacionais globais enfrenta desafios, mas também oferece oportunidades para a personalização do ensino e o desenvolvimento integral das crianças (CARRARA, 2004). A discussão sobre sua aplicabilidade destaca a necessidade de flexibilidade e adaptação para maximizar seus benefícios em uma variedade de contextos educacionais ao redor do mundo (LIMA, 2007).

As práticas educacionais Montessoriana destacam-se pela ênfase na aprendizagem autodirigida, na

interação entre crianças de diferentes idades e na criação de um ambiente de respeito mútuo e colaboração (OLIVEIRA E BORTOLOTTI, 2012). No entanto, a transição para esse modelo educacional pode enfrentar desafios, como a resistência institucional e a necessidade de adaptação curricular (CESÁRIO, 2007). A formação adequada de educadores na metodologia Montessori é crucial para o sucesso da abordagem, demandando investimentos significativos em desenvolvimento profissional (ARAÚJO, 2005).

Apesar dos desafios, a Pedagogia Montessori continua a influenciar positivamente a aprendizagem infantil em diversos contextos educacionais. Sua ênfase na autonomia, individualidade e desenvolvimento holístico das crianças a torna uma abordagem educacional valiosa e relevante para o século XXI. A pesquisa futura deve continuar a explorar sua aplicabilidade em diferentes contextos culturais e educacionais, visando maximizar seus benefícios e contribuições para a educação global (SAVIANI, 1999).

Referências Bibliográficas

ARAÚJO Alberto Filipe; AVANZINI Alessandra; ARAÚJO Joaquim Machado de Actividade e Redenção – A Criança Nova em Maria Montessori. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 18, p. 23-45, set. 2005.

ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de. A formação dos professores para a educação infantil: novos olhares. Revista de Educação do Cogeime A n° 14 - n. 27 – dezembro / 2005.

BARROS; A. P. S.; PEREIRA, M. S. Maria Montessori. 2005. Monografia (Pós graduação lato senso). Universidade Candido Mendes – Rio de Janeiro. 2005.49p

CAMBI, F. História da Pedagogia. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CARRARA, Kester (Org.). Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens. São Paulo: Avercap, 2004.

CARVALHO, Denise Maria de.; CARVALHO, Tânia Câmara Araújo de EDUCAÇÃO INFANTIL: história, contemporaneidade e formação de professores. (2010) Disponível em Acesso em: 04 de agosto de 2017.

CESÁRIO, Priscila Menarin. Quem é a professora de crianças menores de 6 anos para Maria Montessori? Uma análise a partir de suas obras educacionais. São Carlos, Universidade Federal de São Carlos (Centro de Educação e Ciências Humanas), 2007.

DAVIES, COSTA, Simone, Thais et al. A Criança Montessori: Guia para educar crianças curiosas e responsáveis. 1. ed. atual. Impresso no Brasil: NVersos Editora, 13 de outubro 2021. 312 p. ISBN

9786587638324, 6587638325.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. (25ª edição)

KREFTA, Silvana. Metodologia de ensino e Educação Infantil: Algumas considerações sobre a trajetória da escola infantil no Brasil. Disponível em: Acesso em 05 novembro de 2023.

LANCILLOTTI Samira Saad Pulchério. PEDAGOGIA MONTESSORIANA: ensaio de individualização do ensino Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 164-173, mai. 2010.

LIMA, Edimara. Maria Montessori conhecendo fundamentos, derrubando mitos. Revista direcional escolar. ano 3 – edição 27 – abril/2007

OLIVEIRA, Kely Viviane Gonçalves de.; BORTOLOTTI, Roberta D"AngelaMenduni. MÉTODO MONTESSORIANO: contribuições para o ensino-aprendizagem da matemática nas séries iniciais. Revista Eventos Pedagógicos v.3, n.3, p. 410 - 426 Ago. – Dez. 2012.

SAVIANI, D. A Nova Lei da Educação: LDB trajetória, limites e perspectivas. 5.ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

A construção fisionômica da cidade de Caicó/RN em época carnavalesca: uma cultura que passa por gerações

Ariane de Medeiros Pereira

As cidades em suas espacialidades e práticas sociais são um elemento constituído de história múltiplas. A vida transcorre em seus bairros, suas avenidas e suas vielas. A cidade, em si, é pensada para abrigar a população e conduzi-la por meio de normas sociais e culturais. Todavia, finalmente, quem passa a gestar memórias, dizeres e fazeres são os agentes sociais que a interpretam à sua maneira, mesmo que tenham que respeitar as normas sociais vigentes.

Os atores sociais ao perceberem e praticarem a cidade vão empregando a aquelas simbologias que promovem identidade a uma determinada sociedade (JAREK, 2007). Os dizeres não são singulares ou simplistas, ao contrário, são carregados de complexidade e diversidade. Ao pensar sobre as cidades em dados momentos de celebrações culturais podemos perceber que cada agente social participa de outras maneiras, aplicando novas visões e experimentando os espaços de forma diferenciados.

Os próprios bairros e avenidas ganham novas significações. Isso ocorre devido as manifestações que acontece em datas específicas. Quando a festividade diz respeito a cidade local vemos os agentes sociais se engajarem naquela comunidade, em seu bairro ou em toda a cidade se for abrangente. Todavia, ao pensar sobre uma celebração que perpassa o país temos a ideia que uma cidade a experiencia de forma diversificada, ao seu modo e preparação.

Ao refletimos sobre o período momesco no Brasil percebemos que é um evento celebrativo que toma conta de todas as cidades, em maior ou menor escala, todavia é algo proeminente no qual as pessoas se envolvem e participam ao seu modo. O carnaval chega ao Brasil trazido pelos portuenses, ainda no período colonial (VERSIGNASSI; SILVA, 2005). Era uma cultura arregimentada em uma brincadeira denominada “entrudo”, uma festividade popular.

Com o passar do tempo essa brincadeira foi ganhando novas significações; foi sendo reatualizadas com a organização social do Brasil e chegava a população por meio dos bailes de máscaras, do frevo e animação nas ruas com as pessoas fantasiadas e como o surgimento das escolas de sambas, em dadas partes do Brasil, como é o caso do Rio de Janeiro. Vale ressaltar, no entanto, que a brincadeira se transformou no que hoje é o carnaval e, como tal, cada um passou a vivenciar nas diversas cidades ao seu modo e gosto (SOIHET, 2003). Mas, o carnaval seria uma festa para todos? Aqueles viveram aos bailes de máscara? As rodas de samba?

Em uma sociedade diversa como o Brasil o carnaval era experimentado por práticas diferentes dependendo da condição social. Quem participava dos bailes oficiais nos clubes e em festas particulares eram as pessoas abastardas, que tinham melhores condições financeiras. Cabia a população com menos dinheiro as brincadeiras e comemorações nas ruas com danças, frevos e o famoso mela-mela que acontecia com água e farinha. As comemorações tomaram conta de todos os recantos do Brasil, tornando perene aos dias de hoje.

Ao reduzir nossa escala de observação (GINZBURG, 2006) a cidade de Caicó/RN somos conduzidos a entender a festa carnavalesca como símbolo de uma sociedade que está na parte central dos sertões do Estado do Rio Grande do Norte e que mantém sua festividade ao longos dos séculos. O carnaval de Caicó em suas primeiras festividades estava pautado nas festas de ruas, nas marchinhas carnavalescas que vem desde o tempo outrora no Brasil. Eram festas familiares que demandava a reunião das famílias em suas casas e seguia a um momento de encontro. Mas, nesses sertões as comemorações seriam uniformes?

Ao passo que as comemorações momescas ganhavam significado entre os caicoenses foi se formando práticas de comemorações. Podia-se perceber um grupo que comemorava ao seu modo e reunia-se em torno das famílias e agregados que não dispunham de uma condição financeira das melhores. Foi, assim, que nos anos de 1980 surgiu o Bloco do Lixo que tinha em sua formação pessoas pobres que faziam seus próprios instrumentos musicistas para retirar a melodia. Muitos desses instrumentos eram retirados do lixo e feito de materiais recicláveis (VASCONCELOS, 2010). Esses foliões se reuniam e davam as mãos para fazer a festa e praticar a cidade.

Podemos compreender que na cidade de Caicó os agentes sociais experimentavam o carnaval por

meio de um significado particular e ao mesmo tempo de forma diversificada. A cidade era exercida de diferentes formas pelos sujeitos históricos. Havia os bailes em clubes, mas havia o bloco que estava levando o som nas ruas. Havia as avenidas com o que era esperado pelas normas sociais, mas havia as vielas que permitiam ao homem novas significações. Fato é que, essa festividade passou a gerações e cada ator social foi construindo uma memória do carnaval de Caicó; e esse, atualmente, tornou-se o terceiro maior do Nordeste. Quais seriam os elementos que levaram a fortificação dessa celebração na cidade de Caicó?

Um dos elementos que podemos evocar são as configurações dos blocos que ao longo tempo foram se formando e outros nascendo e mantendo o costume de sair as ruas com o intuito de brincar entre os conhecidos. Em meio a esse movimento, o costume foi se cristalizando e tornando uma tradição entre os caicoenses que buscavam cada vez mais a confraternização e amabilidade entre os que saíam para se divertir. Outro sintoma como apresenta Lydiane Vasconcelos (2010) é o grande número de atividades que a cidade de Caicó reunia para a festividade: desde de banho de açude, de rios, passando pelas avenidas sempre com pessoas brincando e dançando. Era um público atuante desde de: crianças, jovens, adultos e idosos. Isso fez com que a população de outras cidades fosse atraída a virem brincar em Caicó em seu período momesco que acontece em todo ano.

A cultura e o costume acompanham seu tempo histórico e seus agentes sociais e, assim, o carnaval de Caicó foi ganhando visibilidade e dizibilidade ao longo das décadas. Atualmente, tornou-se o terceiro maior carnaval do Nordeste, ficando atrás, somente, do carnaval da Bahia e do Recife. É de se supor que novos elementos foram introduzidos para além dos blocos constituintes dos primeiros tempos. Foram adentrados os trios elétricos ao lado de artistanacionais. Assim, Caicó atrai uma população de todos os recantos do Brasil. É um período que a cidade de Caicó se transforma em polo multicultural da diversidade e da cultura imbricada entre o moderno e o antigo. Mas, teria os blocos perdidos sua essência do tempo pretérito?

As identidades ao serem construídas e reconstruídas gestam novas formas de participação e exuberância é necessário que novos elementos sejam apropriados para poder dar conta da grande massa populacional que se aproxima dos blocos comemorativos. O Bloco do Magão, é um exemplo, tendo em vista que: arrasta uma multidão de pessoas ao som das marchinhas antigas dos carnavais, mas como novos elementos de som e estruturas; são agentes culturais fieis a tradição do Bloco do Magão de Caicó. Daí, o Bloco do Magão ter uma identificação com o Poço de Santana um dos elementos culturais da cidade. Anteriormente, o Bloco do Magão era conhecido como o "Ala Ursa do Poço de Santana", "O Ala Ursa do Magão". Mas, seu brilhantismo é grandioso e se mantém perene na memória das pessoas e na tradição carnavalesca de Caicó.

No atualidade o momento carnavalesco da Cidade de Caicó se manifesta em uma explosão de cultura dos mais variados gostos. As culturas se entrecruzam nas avenidas. São nesses espaços citadinos do centro da cidade que se pode observar as mais variadas manifestações sociais. Ao mesmo tempo que uma avenida dispõe de um trio elétrico, existe uma rua com um artista local com músicas carnavalescas - as marchinhas- que remontam ao passado. Assim, Caicó passa ter uma circularidade cultural, com uma diversidade de público com seus gostos variados. A cidade passa a ser esse espaço que acolhe a todos. Esses gestam memórias e dizeres sobre as manifestações momesca da cidade. Existindo uma simbiose entre cidade, folião e cultura. E como as pessoas experimentam essa diversidade de sabores, gostos e ritmos?

A festa carnavalesca somente faz sentido a partir dos sentidos e expressões que a população gesta naquela. A partir de suas ações concretas dos indivíduos vemos a relação entre os espaços da cidade, o homem e o carnaval. Na cidade de Caicó é notório que existe um hibridismo cultural no carnaval. O cidadão que vai atrás do trio elétrico é o mesmo que está no polo cultural ouvindo as marchinhas de carnaval. Todavia, o que aparece de forma singular é a tradição do Bloco do Magão que conta como um público fiel no sentido de sair todas as noites mantendo uma identidade cultural que advém de outrora.

É interesse abordar que as avenidas se tornam micro polos culturais ao passo que dentro do percurso do Bloco do Magão existem aqueles que fazem sua própria comemoração, ensaiam coreografias a base das músicas orquestradas. Vivenciam as avenidas com suas cores, com o calor que sai dos asfaltos, com o saudosismo aos que encontram. A avenida se torna um ponto não

somente de passagem, mas de socialização; é o momento que os mais diversos seres humanos se encontram com sua visão de mundo, de modo a interagir um com outro e, até mesmo, criar uma amizade duradoura.

O próprio percurso carnavalesco permite o encontro e a socialização entre os foliões. As avenidas do centro da Cidade são organizadas e enfeitadas para receber os foliões ao caráter do povo seridoense com hospitalidade, ardência na alma por fazer amizade. É na troca de sorriso que o seridoense mostra sua amabilidade e afetividade com outros seridoenses e com aqueles que vem de fora - de outras cidades e de outros Estados-. É possível encontrar diversos elementos culturais na fisionomia dos que prestigiam o evento, mas todos se respeitam e interagem. O grande espírito é de união. As ruas e avenidas nos permitem a ideia que abraçam e saúdam cada folião que passa demonstrando o seu acolhimento não somente com a população, mas como o próprio esquadramento urbano. Cidade e ser humano se misturam em uma magia de carnaval.

As fantasias são uma constante desde os símbolos momescos as indumentárias atuais, todos estão ali reunidos e coloridos para brincarem e se divertirem. As avenidas escutam em silêncio a memória dos mais antigos, a alegria das crianças, o encontro de almas que o carnaval permite, as aspirações dos jovens e a quentura do aconchego dos transeuntes que as experimentam. As avenidas são um chamamento ao folião que encontra um terreno plano e acessível a todas as idades. A paisagem da urbe vai se revelando e se constituindo como um pano de fundo marcada por uma sociedade vibrante em suas múltiplas histórias.

Outro elemento que se pode perceber no carnaval de Caicó são os símbolos entre o profano e o sagrado. No passado, as brincadeiras carnavalescas surgiram enquanto entrudes como formas de chacotear "as burrinhas" do Padre Brito Guerra (VASCONCELOS, 2010). Todavia, hoje percebemos que o percurso realizado pelos trios elétricos e suas atrações nacionais e o Bloco do Magão são os mesmos realizados pela procissão da Festa de Sant'Ana de Caicó. Assim, as avenidas vivenciam duas festividades com vertentes diferentes, mas que são espaços de encontros entre os agentes sociais que experimentam aquelas de forma diversa nos dois momentos. Vejamos que, as ruas, avenidas e a cidade como um todo em suas simbologias e utilidades são mutáveis dado a proposta da sociedade. Todavia, são elementos indispensáveis a identidade de uma sociedade. O que o carnaval de Caicó deixa para a cidade e as pessoas?

As festividades momesca na cidade de Caicó são uma construção de uma identificação do povo seridoense ao passo que gestam pertencimento, amor e uma convívio social atrelados tanto as memórias coletivas quanto individuais (HALBWACHS, 2004). Vez por outra surge a memória do vivido na coletividade, mas também, a lembrança do vivido no particular no individual de cada ser humano. Todavia, a avenida abriga a todas as memórias e armazenam todos os segredos vividos. Silenciosas, atraentes e viventes das peripécias sociais.

Vale ressaltar que o carnaval é feito pela sociedade que mantém viva a tradição milenar. As práticas sociais e culturais se modificam ao longo do tempo, mas a identificações com alguns ritos permanecem, como é o caso das marchinhas primeiras, do Bloco do Magão em Caicó que faz parte da tradição do carnaval, dos artistas locais que trazem sua música, seu ritmo e sua alegria. Daí a importância do poder público financiar os artistas locais e os artistas nacionais nessa simbiose de cultura. Nenhum tipo de arte deve ficar de fora. Todas são importantes para se manter a tradição e o gosto do carnaval familiar, hospitaleiro e amável de Caicó/RN.

Referências Bibliográficas

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

JAREK, Gisele Lütke S. Cidades, culturas, memórias e identidades: uma proposta em educação patrimonial. *Ágora: Santa Cruz do Sul*, v. 13, n. 2, p. 180-191, jul./dez. 2007.

SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia — algumas abordagens. *Gladiador da História: UFF*, 2003. Disponível em: http://gladiator.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg7-8.pdf.

VASCONCELOS, Lydiane Batista de. As disputas pela memória carnavalesca na cidade de Caicó-RN. ANPUH/PB: 2010.

VERSIGNASSI, Alexandre; SILVA, Cíntia Cristina da. Qual é a origem do carnaval?. Abril: Super interessante, 2005. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-e-a-origem-do-Carnaval/>.

O LEITOR NA ERA DIGITAL: SUJEITO DO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO EM MEIO AOS AVANÇOS TECNOLÓGICOS

Paula Martins Ramos¹
Alexandre dos Santos²
Marília Barbosa dos Santos³

RESUMO

Entende-se que a tecnologia, na contemporaneidade, oferece aos sujeitos novas possibilidades de interação em seus ambientes de circulação e acesso. Deste modo, a temática em questão vai impulsionar uma investigação mais aprofundada acerca do tema. A presença, cada vez mais frequente, no contexto social, histórico e de formação fazendo-se uso de instrumentos tecnológicos, graças à crescente informatização da escola, vão modificar, naturalmente, o ato de ler e a relação que o leitor estabelece com essas fontes de investigação. Nosso objetivo, considerando as proposições apresentadas e a revisão da literatura especializada no tema, é discutir as propostas de atividades didáticas digitais utilizadas pelo professor especializado no componente curricular Língua Portuguesa, veiculada em páginas da internet. Nesta pesquisa situamos o foco na questão da leitura, principalmente, por alguns motivos, além da necessidade formativa que este docente possui para lidar com as diferentes situações comunicativas, bem como, devido à constante inserção das tecnologias de informação e comunicação (TICs) no cotidiano do leitor. Nesse sentido, a questão vai nortear as etapas da pesquisa, de modo que a partir dela sejam desvelados os impasses que podem causar campos de tensão entre os professores de Língua Portuguesa no que tange ao uso destes recursos. As questões norteadoras elencadas são: como o professor de Língua Portuguesa recorre aos recursos digitais visando o processo de ensino-aprendizagem da leitura em suas aulas? Quais aspectos devem ser previstos ao se utilizar páginas da web no sentido de catalisar as relações entre o leitor/texto/fonte? Para abarcar estas questões, é desenvolvido um estudo documental com caráter descritivo e qualitativo, analisando a inserção da leitura em sites para o ensino de Língua Portuguesa. Ressaltamos que a natureza descritiva, porque procuramos agrupar e descrever o material coletado durante a nossa pesquisa. Assim, pretendemos entusiasmar leitores mais no que tange ao acesso das leituras acessadas por meios tecnológicos.

Palavras-chave: Letramento digital; Tecnologia; Texto.

SUMMARY

It is understood that technology, in contemporary times, offers subjects new possibilities for interaction in their circulation and access environments. In this way, the topic in question will encourage further investigation into the topic. The increasingly frequent presence in the social, historical and educational context using technological instruments, thanks to the increasing computerization of schools, will naturally modify the act of reading and the relationship that the reader establishes with these sources. of investigation. Our objective, considering the propositions presented and the review of specialized literature on the topic, is to discuss the proposals for digital teaching activities used by teachers specializing in the Portuguese Language curricular component, published on internet pages. In this research we focus on the issue of reading, mainly for some reasons, in addition to the training needs that this teacher has to deal with different communicative situations, as well as, due to the constant insertion of information and communication technologies (ICTs) in everyday life. of the reader. In this sense, the question will guide the stages of the research, so that from there the impasses that can cause tension between Portuguese language teachers regarding the use of these resources are revealed. The guiding questions listed are: how do Portuguese language teachers use digital resources for the teaching-learning process of reading in their classes? What aspects must be foreseen when using web

pages in order to catalyze the relationships between reader/text/source? To cover these issues, a documentary study with a descriptive and qualitative character was developed, analyzing the insertion of reading on websites for teaching Portuguese. We emphasize the descriptive nature, because we sought to group and describe the material collected during our research. Thus, we intend to excite readers more in terms of access to readings accessed through technological means.

Keywords: Digital literacy; Technology; Text.

¹Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá. Tutora no Centro de Educação Superior a distância – Cesad/UFS. E-mail: paula-martins-ramos@hotmail.com

²Graduado em Letras Português – Francês. Pós-Graduando em Psicologia e Educação pela Faveni. Tutor no Centro de Educação Superior a distância- Cesad/ UFS. E-mail: ale.hyan@hotmail.com

³Licenciada em Geografia pela Faculdade José Augusto Vieira (FJAV). Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Sergipe (UFS/ PRODEMA). Doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Sergipe (UFS PRODEMA). Docente na Universidade Federal de Roraima. E-mail: marilia.barbosa@ufr.br

INTRODUÇÃO

No século XX ocorreram novas mudanças nas relações sociais e nos métodos de comunicação que tange à comunicação interativa, frente a essas mudanças um constante debate, incentivado pelo Ministério da Educação, tem se desenvolvido, sobretudo, nos diferentes setores educacionais (MACHADO, 1997). Dessa forma, entende-se que a tecnologia oferece novas maneiras de interação com o indivíduo, impulsivando uma investigação mais aprofundada sobre o tema.

A presença cada vez mais frequente do contexto sócio histórico e a formação com as práticas virtuais, graças à crescente informatização da sociedade, vão modificar, naturalmente, o ato de ler, e a relação leitor/texto em que essas fontes são veiculadas. Nosso objetivo, considerando os problemas identificados na revisão da literatura especializada no tema, o leitor, sujeito do processo de interpretação na era digital e nos meios tecnológicos sobre o processo leitor, é discutir as propostas de atividades de ensino-aprendizagem de português veiculado em páginas da internet. Nesta pesquisa situaremos o foco na questão leitura principalmente por dois motivos, além de capacitar para saber lidar com as diferentes situações comunicativas; o segundo propósito refere-se a constante inserção das tecnologias de informação e comunicação (TICs) no cotidiano do leitor.

Nesse sentido, a questão se consolida para nortear as etapas da pesquisa, de modo que a partir dela serão desvelados os impasses que causam campos de tensão entre os professores de Língua Portuguesa no que tange ao leitor/texto/fonte: Como um professor de Língua Portuguesa recorre aos recursos digitais para o processo ensino aprendizagem da Leitura e Escrita em aulas de Português? Quais aspectos devem ser previstos ao se utilizar páginas da web no sentido de catalisar as relações entre o leitor/texto/fonte?

Para abranger essas metas, desenvolvemos um estudo documental com caráter descritivo e qualitativo, analisando a inserção da leitura em sites para o ensino de língua portuguesa. Ressaltamos que a natureza descritiva será pertinente, porque procuramos agrupar e descrever o material coletado durante a nossa pesquisa. Assim, pretendemos formar leitores relacionados com a era digital nos meios tecnológicos.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa que compõe o estudo aborda o processo do sujeito leitor na interpretação da era digital. A relevância de discutir sobre este tema é decorrente das transformações de como a internet facilita o acesso a informações e conhecimentos por meio da leitura. Tendo em vista as alterações sobre ler em suportes impressos e/ou eletrônicos, não significa o fim do livro, nem a morte do leitor, porém o uso desses novos meios de leitura trouxe mudanças para o desenvolvimento do leitor. A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou do leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como do livro encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos da mesma memória eletrônica, todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito, assim como nas maneiras de ler (CHARTIER, 1998:129).

Como a internet vem viabilizando acesso a informações e conhecimentos, na maior parte, decorrente da leitura, o leitor virtual precisa estar preparado para essa revolução. Em termos de Língua Portuguesa, a internet contribui para o acesso a textos de gêneros, temáticas variadas, atuais e de origens diferentes. Por outro lado, é importante o leitor sujeito buscar compreender os recursos técnicos, o trabalho on-line e os múltiplos recursos semióticos do meio.

Portanto, refletir sobre uma educação que inclui o meio eletrônico, exige cuidado principalmente com as consequências que as TICs poderão trazer ao processo leitor, por isso é importante avaliar o uso do ambiente digital e dos materiais retirados da rede para ajudar no ensino-aprendizagem, além disso, é fundamental preparar o usuário/leitor, a fim de conduzi-lo para que possa ter um maior proveito de seus objetivos.

Com a presença intensa das tecnologias móveis em nossas vidas, os aplicativos se tornaram populares e ajudam milhares de pessoas que estão conectadas a organizar o seu dia a dia. Já não

podemos viver sem uma quantidade, cada vez maior, deles. Vivemos a cultura digital por meio dessas inovações tecnológicas (COUTO; PORTO; SANTOS, 2016, p. 20).

As redes sociais possibilitam maior alcance entre as pessoas a partir dos aplicativos móveis, pois os fatos são produzidos no momento, porém referindo-se ao processo leitor, embora encontrem estudos recentes sobre a especificidade do texto em ambiente virtual, podemos dizer que no ambiente escolar ainda estão em constante mudança para atualizar as inovações tecnológicas.

O processo leitor é reavaliado, considerando, sobretudo, a prática da intertextualidade, além disso, o hipertexto também é intertextual, pois os textos discutiram entre si e estão ligados através das páginas web. Segundo Ribeiro (2005) esclarece que o hipertexto impresso já existia, visto que os livros nos levaram de um texto ao outro, logo após as oportunidades de acessar diversos textos através do link, surgiram uma nova modalidade dessa organização hipertextual: o hipertexto digital, tendo como objetivo de manusear o texto no computador, mesmo sendo alterado, copiado e a noção pré-formada de certo ou errado de acordo com a leitura, portanto tudo procede da opção do navegador.

Ao navegar entre os textos, o caráter não linear se sobressai. Mas, embora ele seja muito recorrente na leitura virtual, não se pode afirmar que é exclusivo desse suporte, nem obrigatório.

Ao ler na tela o leitor pode optar por um percurso envolvendo a linearidade, da mesma forma que pode, não linearmente, saltar capítulos em um livro impresso, selecionar apenas algumas notícias ou informações num jornal e assim por diante. Isso demonstra que “o leitor pode assumir postura diferente ao ler um texto em papel ou na tela do computador” (VIEIRA, 2007: 245).

Embora se faça esse tipo de alteração, isto é, realizar uma leitura não linear em um livro impresso, há um ponto de partida e de chegada fixados pelo autor do livro, conseqüentemente a limitação existe diferentemente da tela, que permite uma ordem simultânea e, em geral, decidida pelo leitor. Portanto, com o hipertexto digital, temos uma rede multidimensional que se conecta a outro; e o processo leitor na tela ganha mais relevância por diminuir o risco de perda do propósito inicial da leitura.

Os serviços oferecidos por meio das tecnologias móveis tornaram-se importantes não apenas para receber ou enviar conteúdos em áudio e vídeo, mas também para a comunicação, interação social e acesso à informação antes restrita aos livros escolares. (MELO; FELIPE, 2016, p. 44)

Sendo assim, as tecnologias digitais vêm propondo através da leitura que serão estratégias para o leitor e desempenhou as possíveis interrupções surgidas. Através disso, as pesquisas realizadas a partir da década de 50 apresentam os modelos de leitura que privilegiaram o processo das informações de formas diferentes. Portanto, no primeiro exemplo, existe a busca da compreensão do texto através da leitura, ou seja, o leitor recebeu o que diz o texto e os dados linguísticos. No segundo exemplo, a leitura nos meios de comunicação é fundamentada nas hipóteses do leitor, além disso, atribuiu com a correlação do texto, pois é de grande relevância para o leitor e o fluxo de informações aconteceu de maneira descendente (KLEIMAN, 1996. LENCASTRE, 2003).

Assim, ler é, portanto, um processo interativo que ativamos no momento da compreensão textual os diferentes conhecimentos comentados e juntos formamos o conhecimento prévio do leitor. Sendo assim, é importante ressaltar que a leitura para que não seja vista somente como um processo que decifra um código, mas como um assimilar de estruturas gramaticais e as usa de maneira mecanizada, ou seja, é, sobretudo, uma comunicação que ativou na construção de sentido e no desenvolvimento de noções dentre as quais destacamos: a de contexto e de intertextualidade; a de implícito, a de diferentes conhecimentos; a de observação das pistas de contextualização e a reflexão sobre outros fatores que estabeleceu sentido (KOCH, 1997). Contudo tornou importante considerar que,

[...] a educação na atualidade precisa considerar o momento histórico e social no qual os sujeitos vivem e convivem, bem como compreender as tecnologias que fazem uso nesse viver e conviver, como se apropriam delas e o que muda na forma como se relacionam com a informação, se comunicam, interagem, constroem conhecimento, enfim como aprendem. Analisando esse contexto, torna-se possível observar como as diferentes tecnologias digitais, associadas às redes de telecomunicação contribuem para o surgimento de novas formas de pensar, de se relacionar e, conseqüentemente, de estabelecer relações para conhecer o mundo. (LUCENA; SCHLEMMER; ARRUDA, 2018, p. 16).

Dessa forma, os dispositivos móveis nos possibilitou aprendizagem diferente e através da leitura os meios de comunicação podem auxiliar nos obstáculos, facilitando o processo das informações. Segundo Moran (2013 p. 29),

Aprendemos pelo prazer, porque gostamos de um assunto, de uma mídia, de uma pessoa. O jogo, o ambiente agradável, o estímulo positivo pode facilitar a aprendizagem. Aprendemos mais, quando conseguimos juntar todos os fatores: temos interesse, motivação clara; desenvolvemos hábitos que facilitam o processo de aprendizagem; e sentimos prazer no que estudamos e na

forma de fazê-lo.

As tecnologias digitais vêm influenciando o sujeito leitor tanto na educação, como também nas práticas de letramento, à vista disso a sociedade contemporânea vivenciou por um período de cultura digital. Sendo assim, a diversidade e a disponibilidade das mídias desenvolveu um amplo conhecimento de informações para a sociedade, conseqüentemente valorizou a escrita; visto que buscamos a comunicação para executar pelos meios digitais através de textos escritos.

Conforme Marcuschi (2010), p. 21 "um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade descrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita", a partir disso, essa realidade é relevante, principalmente no contexto escolar, pois alguns manuais didáticos estão adequados com essa nova realidade de orientações e propostas sobre os gêneros. Portanto, os gêneros textuais ou digitais possuiu diversidade de conteúdos e ambos ocorreram em diferentes ambientes argumentativos, pois "é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a prática de amanhã" (FREIRE, 1996, p. 44). Portanto, é observado que os diferentes gêneros textuais, principalmente com o auxílio dos recursos tecnológicos digitais, despertaram maiores interesse nas pessoas em aprender também.

OBJETIVOS GERAL

Compreender a abordagem leitora no processo de ensino-aprendizagem em diferentes gêneros textuais, mais precisamente na cultura digital e nos meios tecnológicos.

ESPECÍFICOS

Investigar o efeito-leitor no discurso de divulgação na cultura digital; desenvolver o funcionamento da interlocução discursiva do sujeito leitor nos textos e analisar as estratégias de leituras que facilitem o processamento de informações contidas no texto através das novas tecnologias.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é desenvolvida de natureza documental, caráter descritivo e qualitativo. Sendo pertinente, pois procuramos agrupar e descrever o material coletado durante a nossa pesquisa. A pesquisa de base qualitativa fez uma análise da relação leitor/texto com base na linguística argumentativa e textual das concepções de gênero textual, Leitura, Escrita em ambientes digitais a partir do entendimento de Koch (1997) e Marcuschi (2010).

O universo pretendido compreende uma escola pública no município de Lagarto, SE, onde foi inserido o contexto digital, com os sujeitos leitores desta instituição durante seis meses, ou seja, um semestre. Dessa forma, proponhamos integrar os dispositivos digitais ao processo de formação nas aulas de língua portuguesa e desenvolvemos atividades de compreensão textual através da análise dos textos nos sites para o ensino dessa disciplina.

Assim, assumimos que ler é uma ação que possibilitou a construção e a reconstrução de sentidos pelo leitor, através de uma constante interação com o texto que fornece pistas para que um sentido possível seja resgatado/construído (KOCH, 1997).

Seu foco volta-se para compreender a abordagem leitora no processo de ensino-aprendizagem em diferentes gêneros textuais, mais precisamente na cultura digital e nos meios tecnológicos. Por isso, reavaliamos de maneira crítica, considerando os estudos mais recentes no que concerne às inovações desenvolvidas nos meios de comunicação. Além disso, a pesquisa documental baseou-se num recorte de materiais didáticos retirados da internet.

A fim disso, compreendeu a abordagem de leitura adotada, com o objetivo que determinou a realidade do sujeito leitor veiculado pela internet nos matérias de língua portuguesa, especificamente, nesse estudo. Ademais, desenvolvemos um estudo

documental com caráter descritivo e qualitativo, analisando a inserção da leitura em sites para o ensino de língua portuguesa com as novas tecnologias no contexto escolar, por ser irrevogável e importante para a vida moderna do leitor.

RESULTADOS

Portanto, percebemos a importância do processo da leitura desde suas condições materiais, sociais, econômicas e culturais de existência, pois não era toda família que tinha acesso e conseguiam se comunicar e isso mostrou a desigualdade em sala de aula. Além disso, foi fundamental o planejamento, a definição de objetivos e a observação das estratégias, pois nos encaminham ao desenvolvimento do sujeito leitor que enfrenta os desafios e se sente motivado através da prática mediadora desempenhada pela escola na figura do professor.

REFERÊNCIAS

ARDOINO, J., (1998c). Abordagem multirreferencial: a epistemologia das ciências antropológicas. Palestra proferida na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 14 out.

CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

COUTO, Edvaldo; PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. Usos de aplicativos na educação. In: COUTO, Edvaldo; PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. App-Learning: experiências de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 19 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

KLEIMAN, Ângela. Modelos teóricos: fundamentos para o exame da relação teoria e prática na área de leitura. Leitura, ensino e pesquisa. 2. Ed. São Paulo: Pontes, 1996.

KOCH, Ingedore. O texto e a construção do sentido. São Paulo: Contexto, 1997.

LENCASTRE, Leonor. Leitura: a compreensão dos textos. Rio de Janeiro: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

LUCENA, Simone; SCHLEMMER, Eliane; ARRUDA, Eucídio Pimenta. A cidade como espaço de aprendizagem: educação e mobilidade na formação docente. In: Revista Tempos e Espaços em Educação, São Cristóvão, Sergipe, Brasil v. 11, n. 01, Edição Especial, p. 11-24, dezembro, 2018

MACHADO, Arlindo. Pré-cinema & pós-cinema. Campinas-SP: Papyrus, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (orgs). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MELO, Rafaela; FELIPE, Jane. (Geo) Violências – um aplicativo de geolocalização para discutir as violências de gênero. In: COUTO, Edvaldo; PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. App-Learning: experiências de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2016.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.

RIBEIRO, Ana Elisa. Letramento digital; aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2005.

VIEIRA, Iúta Lercher. Leitura na Internet: mudanças no perfil leitor e desafios escolares. ARAÚJO, Júlio César (org). Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.



Contos

O dueto do real ao irreal: uma pitada de maldade
Ariane de Medeiros Pereira
Caicó/RN

Na floresta central daquela espacialidade encantada havia uma rica fauna e flora de espécies nativas que se divertiam por aquelas matas, sem muita preocupação, apenas, com ousadia e alegria. Havia aquele que se preocupava com o que os outros pensariam sobre a alegria daquela algazarra. Do outro lado, existiam aqueles que somente restava a alegria da vida, sem se incomodar com o que ocorria para além de suas vivências em voar.

As andorinhas gritavam em sua sinfonia de espírito desbravador e animados com a chuva que havia caído na noite anterior. Os beija-flores rodopiavam em meios as flores e árvores gigantescas que seu coração batia ainda mais apressados e contagiantes. Tudo era intenso como a natureza impunha que seus transeuntes se sentissem realizados. Mas, em uma galha de jabuticabeira encontrava-se um sabiá que via a tudo pensando porque todos caminhavam tão felizes? E ela onde encontraria sua felicidade?

Aquela passava mais tempo pensando e planejando em se aproximar daquele que ainda oferta a amizade a ela. De modo que, o canário era seu amigo mais próximo e conhecia os seus segredos e as interfaces de sua personalidade. Entendia que o sabiá não estava bem, mas não queria te machucar e não falava o que os outros animais falavam da mesma.

Os demais animais da floresta percebiam que o sabiá era um tanto orquestrador de planos e sombrios em suas ações. Já havia causado desgosto a tantos seres vivos daquela floresta. Mentia, enganava e buscava tudo para si. Se colocava como atrativo aos que chegavam, todavia, não demorava a revelar sua face nefasta. E como era de se esperar eles partiam e ela ficava apenas com o canário que continuava a te acolher.

Não se sabe o motivo que ele permanecia fiel a ela, tendo em vista que, ele sabia de seus atos atrozos e de sua índole duvidosa. Todavia, continuava a manter sua amizade e compartilhar a vida com o sabiá. Um dia o canário encontrou um papagaio com quem fez amizade e compartilhava sua alegria. Eles se tornaram amigos. Mas, a sabiá não aguentava ver aquela fraternidade.

Buscava de todas as formas desmanchar aquela amizade. Criava mal entendidos entre os dois – canário e o papagaio – eles logo resolviam, mas diminuía a sua fraternidade. Ambos começavam a perceber que havia uma distância se criando juntos aos dois de tanto que o sabiá criava artimanhas. Mas, seguiam sem mencionar o assunto.

O sabiá já percebia que seu plano surtia efeito e intensificava a desunião. Criava meios para que o canário e o papagaio se afastassem cada vez mais. E sorria de cima de sua galha de jabuticabeira. Os dias transcorriam e o sábio lucrava seus objetivos e se sentia feliz. O que não contava era que o papagaio começou a refletir sobre todos os fatos e percebeu a jogada do sabiá. O papagaio astutamente resolveu que não mais alegraria nada em relação ao canário e o sabiá; apenas, ficaria em seu espaço. Com o passar do dia entendeu, também, que o canário tinha sua parcela de incentivo nas atitudes do sabiá. Já que canário alimentava dadas situações que levavam a mal entendidos.

No meio dos seus pensamentos o papagaio resolveu foi pegar sua mala, bater asas e voar para o lugar no qual viveria em paz e com amizades saudáveis. Vez por outra, ouvia dos animais da floresta que o sabiá andava ainda mais obscura e que o canário fingia não ver a situação do caráter duvidoso do sabiá.

O papagaio sorria para si e pensava: cada um faz suas escolhas. Talvez, ele tenha um pouco da personalidade do sabiá; já que apoia suas atitudes. De uma coisa eu sei: eu que não quero mais saber daqueles que feriram a minha alma e minha dignidade. Cada um com sua personalidade. A vida nos permite novos voos e caminhos verdejantes!

O pote de Fran
Camila Mota

Era uma vez uma garotinha pequena no tamanho, mas de sonhos enorme. Ela se alimentava todos os dias do pote da esperança, que continha um biscoitinho tão doce, quanto podia guardar na lembrança. Certo dia, desafiada ele foi, o mundo deveria explorar, levando apenas um biscoito para quando somente precisar.

Em sua viagem, de tudo encontrou, mas um lugar em específico sua vida mudou. Na vila da realidade, era tudo diferente, e a menina então foi deixando de ser contente. Fran então se questionou: do que adianta se alimentar de esperança, se o mundo não era o que pensou?

O desafio esqueceu, e uma menina tristonha apareceu. Então, enquanto chorava lembrou, que um último biscoito lhe sobrou. Ao comer, então entendeu, não existe um mundo perfeito a explorar, mas uma única dose de esperança, pode uma vida salvar!

MEU CARRO QUEBROU

Josias trabalhou a manhã toda sem parar. Nem bem terminava uma chamada, já tinha outra. Lá para umas três da tarde ele conseguiu um respiro. Parou numa travessa da Rua Voluntários da Pátria, em Santana. Caminhando para encontrar algum lugar onde pudesse comer algo, veio um caratodo esbaforido em sua direção. “Meu carro quebrou, você pode levá-lo para a minha casa?” disse aquele homem, na faixa de uns quarenta a cinquenta anos, vestido de maneira bem simples: calça jeans, camiseta vermelha e um tênis desgastado.

O indivíduo acompanhou Josias, que comeu um pão com manteiga e tomou um café para enganar a fome. Enquanto se alimentava, explicou para o homem que só poderia levar o carro se a seguradora autorizasse porque se trata de um serviço particular. Ele concordou e disse que pagaria, sem problemas.

A seguradora autorizou e cobrou um determinado valor por km rodado, de acordo com uma tabela utilizada para tais situações. Ambos foram até o carro que estava a dois quarteirões dali. O homem apontou para um Opala vermelho caindo aos pedaços e disse “é esse aqui mesmo”.

Mesmo fora de linha sempre se via, até alguns anos atrás, alguns modelos de Opala zanzando pela cidade. Hoje, é raridade mesmo. Mas esse, que um dia foi um “carrão” de luxo, estava com a pintura de cor verde bem desgastada, lataria cheia de partes amassadas, além de vários pontos de ferrugem.

Josias conseguiu parar em frente ao Opala, puxou a rampa e subiu o carro no caminhão. E lá foram eles para a casa do homem, que não disse o endereço e Josias nem quis saber e perguntar, já que estava de saco cheio de tanto levar carros para lá e para cá, em tudo que é bairro. Mas ele imaginou, sem pestanejar, que seria um bairro pobre.

O homem, boa prosa, ia explicando o caminho enquanto conversavam sobre amenidades. Entraram no eixo norte-sul, Avenida 23 de Maio em direção ao Ibirapuera. Na região da Vila Mariana, a saída para a Av. Brasil. Foi lá que entraram.

Quando Josias se deu conta estava rodando nas ruas do Jardim América e, ao entrarem na Rua México, o homem disse “é aqui”, de frente para um suntuoso casarão. Abriu o grande portão automático e Josias entrou para descarregar o Opala.

Dentro da garagem Josias, espantado, viu uma Mercedes Benz, um Porsche e um Jeep Renegade. O homem disse “você não está entendendo nada, não é?” A resposta: “não!”.

“Depois de três assaltos ainda sofri dois sequestros. No último, bagunçaram comigo. Fiquei horas com os bandidos; fizeram até roleta russa. Entende?”, disse o homem.

E Josias: “agora entendi!”

Cassiano Ricardo Martines Bovo

Twitter: @cassianobovo

Nasce uma Estrela
David Ehrlich

A menina de vermelho saiu do estúdio e foi para a varanda na entrada, segurando seu coelho de pelúcia. Estava muito quente lá dentro, então ela preferia ficar sozinha do lado de fora. Mal percebeu que não estava sozinha: o menino de verde havia novamente chegado atrasado, e vinha correndo, sorridente. Adorava ir para o estúdio, achava-o o lugar mais legal do mundo. Pena que nunca havia nenhuma gatinha trabalhando lá, tinha certeza que se tivesse elas iriam desmaiar sempre que o vissem chegando.

Estava tão absorto em sua imaginação que nem viu a menina de vermelho e acabou trombando nela, e quando a viu caída – e viu que era uma menina - por um instante achou que ela tinha de fato desmaiado diante dele. Mas o pensamento logo se dissipou quando ela começou a berrar:

- Mas como é que é?! Não vai me ajudar?!

Ao invés de ajuda-la a se levantar, o menino de verde apenas olhou para ela, achando engraçado o jeito como a vozinha dela saía por entre os dentes daquela menina gorducha – no mínimo irônico, considerando seus próprios problemas de fala. Um lado dele até pensava em ajuda-la, mas o outro não resistia à ideia de implicar antes um pouco com ela.

- Quantos quilos você pesa? – Ele disse, com um sorrisinho se formando no rosto.

- Ah, muito engraçado! – A menina de vermelho respondeu, não achando nada engraçado. Aquilo só fez o menino de verde achar mais graça ainda da situação, a ponto de rir alto.

A menina de vermelho resmungou e estendeu a mão, exigindo que o menino de verde a levantasse. Enquanto segurava a mão dela, ele não deixou de pensar que, apesar de dentuça, gorducha e baixinha, aquela era a primeira menina que ele via no estúdio. Não era a gatinha que ele imaginava, mas...

- Me ajuda aqui! – Ela o arrancou de seus pensamentos.

- Me ajuda você! – O menino de verde respondeu. Além de ela ser gorducha, ele era mais fraco do que imaginava, e não estava dando para levantá-la. Mas o senso de humor dele não se abalou:

– Sabe como é, os dentes são muito pesados.

- Quê?! – Ela gritou, e mesmo caída no chão começou a girar seu coelho de pelúcia por cima da cabeça. De alguma forma aquilo assustou o menino de verde mais do que seria de se esperar.

- Quelo dizer, você está linda! – O menino de verde disse em seu desespero. De alguma forma aquilo funcionou: não só a menina de vermelho abaixou o coelho, como se levantou por conta própria.

- Nossa, que romântico! – Ela começou a ficar tão vermelha quanto seu vestido.

O menino de verde suspirou aliviado, embora risse por dentro: se esse papo nunca falhava com sua mãe, por que falharia com aquela menina? Se bem que o resultado não foi exatamente o mesmo...

- Quem você é? – A menina de vermelho perguntou.

O menino de verde ficou surpreso com a pergunta. Como é que ela não sabia quem era ele, a estrela do estúdio?! Ora! Mas talvez não fosse tão ruim ela não saber quem ele era, já ouvira falar de famosos que fingiam serem pessoas normais.

- Estou apenas de passagem. – Ele respondeu.

- Passagem para onde? – A menina de vermelho respondeu.

- Hã? – O menino de verde demorou a entender o que ela queria dizer.

- É, você está com uma passagem, não é?

- Não é nada disso!

- Mas não é isso que você disse?!

- Ai... –O menino de verde respirou fundo – Posso te pedir uma coisa?

- Sim, sim! – A menina de vermelho prontamente respondeu.

- Pode me trazer um copo d'água? – Dizendo quem são ou não, famosos nunca deixarão de ser famosos, e hoje não seria diferente.

- Vai você, oras! – A menina de vermelho gritou.

- Calma, calma! – O menino de verde não entendia o motivo daquela zanga toda.
- Quem você está pensando que sou?!
- Hã... – Ele não sabia o que responder, até que algo no hall de entrada do estúdio lhe chamou a atenção – Olhe aquela menina te acenando! Ela é sua amiga?
- Ah, é a Magali! – A menina de vermelho respondeu.
- Ela está vindo pra cá.
- Mônica, o Maurício está te chamando! – Magali disse afobada quando chegou à varanda.
- Já entro de volta. – Mônica respondeu, e voltou ao estúdio.

Magali não disse que só pediu para Mônica voltar porque tinha escondido sua melancia justamente na varanda. Ela sabia que não era permitido entrar com comida no estúdio, mas amava melancia, assim como... Bem, assim como qualquer comida.

- Volta aqui! – O menino de verde chamou a menina de vermelho. Magali quase deu um pulo, não tinha reparado que ele estava na varanda, e tentou esconder de volta sua melancia – Ei, quem é aquela galota pala o Maulício estarchamando-a?

- Ah, - Magali achou que ele ia falar alguma coisa sobre a melancia, e voltou a comê-la despreocupadamente – O Maurício quer ela na nova história dele. O nome dela é Mônica, e vai ser a protagonista.

- Mônica?! Protagonista?! – O menino de verde estava por demais chocado, e começou a sacudir Magali pelos ombros.

- Ei, cuidado! – Magali exclamou, segurando a melancia para ela não cair no chão.

- Desculpe. – O menino de verde a soltou – Mas eu é que sou simple o protagonista! Eu vou falar com o Maulício! – E correu estúdio adentro, sumindo depois de uma curva.

Passou apenas um minuto – tempo para Magali comer metade da melancia -, e de repente Mônica voltou à varanda.

- Magali, - Mônica chamou. Magali novamente tentou esconder a melancia – Quem é aquele menino?

- É o Cebolinha, a estrela do estúdio. – Magali respondeu, com a naturalidade de quem sabia disso o tempo todo.

- Aquele é o Cebolinha?! – Mônica ficou boquiaberta. Não podia acreditar no papel de boba que havia feito – Ai, você tem certeza?

- Juro!

- Não sei, quando você começa a comer não repara em mais nada. – Mônica ficou até brava com Magali, certa de que era tudo uma brincadeira.

- Não me olhe desse jeito! Só estava comendo minha melancia. Você sabe que não consigo me controlar. Não resisto! E comer escondido é mais gostoso...

- Está bem, desculpe, não precisa ficar assim. – Mônica suspirou – Mas agora o Cebolinha deve estar bem bravo comigo por ser a nova protagonista. Eu devia ter me apresentado melhor, quase bati nele.

De uma das janelas do estúdio, Maurício observava a varanda. Só ele conseguia ver aquele primeiro encontro entre suas criações. Realmente, o Cebolinha ficaria bem bravo em ter os holofotes tirados dele, e já conseguia ouvir o menino ralhando com ele em seu escritório. Mas quem sabe, em meio às várias brigas que Maurício já via pela frente, não surgisse uma espécie de amizade? E por aquele primeiro encontro, ele já pôde ver algo... Claro que ainda era infantil, ingênuo, sem nem saber de sua própria existência, mas era algo. Quem sabe no futuro, uma história nessa direção? Algo no estilo “Romeu e Julieta”, talvez? Sim, essa era uma boa ideia! Mas não agora, agora Maurício precisava se focar na sua nova história: Cebolinha tentaria andar se equilibrando na beirada da calçada, e então... Eis que surge ela, a nova estrela.

UMA MANHÃ DE INVERNO

Edeilson Correia

Itabaiana/SE

Ao abrir as cortinas da janela do meu quarto numa manhã de inverno, aproveitando um momento de férias, deparo-me com um céu fechado e escuro. Mas aquela escuridão tinha algo de particular que chamou minha atenção. Era algo tão único e íntimo, percebido apenas naquele momento. Não sou do tipo de pessoa que espia a vida alheia pela janela; contudo, naquele dia, algo capturou minha atenção.

Entre objetos espalhados pelos telhados das pequenas casas da rua, parei para refletir sobre quão grandiosas eram aquelas simples construções, cercadas de cores e singularidades. Ao olhar novamente, refleti que, para alguns, essas podem ser meras casinhas em uma rua qualquer; no entanto, para mim, representam sonhos, pessoas, famílias que residem nesses lugares.

Isso me fez lembrar que há um milagre em tudo: no canto dos pássaros, no som dos carros, no latido dos cães, ou seja, nas singularidades do dia a dia. A brisa daquela manhã de inverno bate em meu rosto; respiro fundo e continuo a observar quão únicas são as sensações produzidas por um dia tímido e nublado. As horas passam, e ainda estou imerso na contemplação desses fatos.

O leitor, porém, pode estar inquieto com tantas observações e indagações, provavelmente se perguntando qual o verdadeiro motivo para que um indivíduo de meia-idade entrasse num estado de completo devaneio ou epifania.

Assim, recobro os sentidos e lembro que o fato que desencadeou tudo aquilo não foram as casinhas, nem os sons dos pássaros, tampouco o dia nublado, mas sim observar um simples gesto de amor: um abraço entre duas pessoas que se amam.

Amigos que até poucos dias atrás eram vizinhos de mesa no trabalho, reencontraram-se em um bar:
—Sem sermão, por favor. Quero jogar conversa fora, como nos bons tempos. Estou desempregado, mas a vida continua.

—A turma estava preocupada, mas, você, mesmo na vadiagem, parecem...

—Agora eu até consigo rir desse gracejo infeliz...

—Se é assim, um brinde, amigo: à sua nova fase.

A conversa fluiu regada aiscas de filé, batatas fritas e tulipas com o chope “mais gelado da cidade”, segundo o garçom. O tempo transcorreu e a descontração puxou assento.

—Minha ‘vida boa’ durará pouco, espero. Iniciativa privada já andou me sondando. Mas quero aproveitar ainda alguns dias de ‘vadiagem’. Mereço, depois de vinte e três anos. A desmotivação e a revolta corroeram meu entusiasmo. A politicagem deturpou tudo o que construímos com tanto zelo.

—Pois é. Nutríamos esperança na renovação da cúpula, mas nada mudou.

—Eu adoceria se continuasse lá. As decepções acumularam em velocidade jamais vista. Agora, sigo a receita da capa do livro “O Encontro Marcado”, do Fernando Sabino, já leu?

—Não.

—Ele aconselha a fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada... Esqueci o restante, mas é genial.

—Você fez foi fumaça sandice: servidor público, quase em final de carreira... Abre o jogo, o que o levou a uma decisão tão extrema?

—Conhece a analogia da gota d’água?

—Você e suas falas filosóficas. Não conheço.

—Imagine um copo vazio, enchendo-se lentamente. O copo sou eu; a água assume o papel das decepções. A “água” passou a ocupar todo o espaço em meu interior e transbordou. A última gota, aquela responsável pela água se esparramar e molhar tudo ao redor, assumiu o protagonismo da tragédia. Esta é “a” gota d’água. Compreendeu ou quer que eu desenhe?

—Entendi, mas você não disse qual aborrecimento foi “a” gota d’água.

—Já que a conversa se transformou em catarse, contarei.

—Garçom, por favor, mais dois chopes!

—Houve um episódio afluindo ao meu rio-copo-de-água para fazê-lo transbordar.

—Você está poetizando agora... Será o chope “o mais gelado da cidade”?

—Talvez. Tenho uma amiga psicóloga, que lida diretamente com um benefício suportado pelos impostos que pagamos, destinado a famílias em situação de pobreza, quando impossibilitadas de exercer as atividades que lhes geram renda. Chama-se Auxílio por Vulnerabilidade Temporária.

—Isso é de outra Pasta, não da nossa.

—Ex-nossa. Agora é sua. Imagine os catadores, aquele montão de trabalhadores que recolhem as latinhas de alumínio. Na estação de chuvas intensas, eles têm seu ofício dificultado e, durante algum tempo, o Auxílio Vulnerabilidade fornece uma espécie de bolsa compensatória às famílias, até a normalidade se restabelecer. Nesse caso, até o período de chuva cessar. Essa amiga psicóloga é da equipe que cadastra tais famílias e, quando chega o tempo de liberar o benefício, a lista determina a ordem de recebimento pelas famílias.

—O que isso tem a ver com sua demissão?

—Uma diretora do órgão em que essa amiga trabalha, por rabeo presoou covardia, ou ambos, disse que, por “determinação superior”, outras famílias, sequer conhecidas da equipe, teriam preferência. Para piorar, as assistentes sociais e psicólogas já haviam comunicado às famílias previamente visitadas e cadastradas, que o pagamento sairia no dia seguinte. Famílias realmente necessitadas...

—Foi esse o motivo?

—Fez partedo contexto. Houve indignação com o desmando. Na reunião com a tal diretora, minha amiga afirmou em alto e bom tom, que não concordava. Resultado: foi exonerada da coordenação da equipe. Quando eu soube, procurei seu chefe para ver o que poderia fazer. Bastava auditar e constatar o problema. Ele desencorajou qualquer iniciativa, na verdade proibiu. Dias

depois, reencontrei minha amiga. Estava péssima. O benefício havia sido pago a outras famílias bem menos carentes do que aquelas, antes cadastradas. Essa situação é uma migalha se comparada aos vultosos recursos públicos desviados por aí, mas eu me encontrava já tão saturado de toda essa sujeira. Não consigo conviver com sabotagens à ética de nosso trabalho. Vê como eu não podia permanecer? Só de contar essa história, minha irritação aflora. Se eu continuasse, morreria de infarto.

A conversa abordou assuntos de toda ordem, a madrugada avançou e já chamava o astro-rei, a minutos de surgir.

Para onde vão as palavras depois de pronunciadas? Imaginemos que as conversas havidas naquela noite seguiram para destinos caóticos e vagaram por trilhas inimagináveis. Uma delas invadiu a morada de Morfeu, o dos sonhos, que naquela noite, visitou a mentado ex-chefe de um determinado ex-servidor, atualmente desempregado. Por artimanha do filho de Hipnos, esse chefe se viu em uma localidade distante e distinta da que vivia. Morava, agora, próximo ao rio Tocantins, belo lugar, contudo, sua casa era de taipa, como as demais naquela aldeia de pescadores. Esses experimentavam grande angústia, pois conviviam com o período defeso da piracema, quando as atividades de pesca comercial são proibidas. A fim de compensar as famílias dos pescadores, o governo lhes paga um salário mínimo, para respeitarem esse período importante para a preservação das espécies.

Há vinte e um dias o benefício deveria ter sido creditado àquelas famílias. Ninguém sabia o porquê do atraso. O ex-chefe, agora pescador, mantinha vagas lembranças de sua condição social quando desperto - artes de Morfeu -, e isso potencializava o sofrimento experimentado, sendo ele, agora, um simples e pobre pescador a necessitar a ajuda que tardava chegar. A fome era grande. Dinheiro, nenhum.

Lastimável, que ao despertar do sonho, o chefe não se recorde o quanto aquelas famílias sofriam e como se sentiam. Do lado de cá, Morfeu é tão impotente quanto as famílias dos pescadores. Uma pena mesmo.

Minibiografia

Joana Dias é graduanda em Odontologia e estudante de Engenharia Química. Resenhista literária, escritora e nortista. Sob o pseudônimo de JoJo Dieira, possui textos publicados de variados gêneros literários.

Desafios de ensinar JoJo Dieira

Ao riscar a ponta da grafite sob a palavra que antes pensava ser adequada para expressar o significado do termo aprender, Beatriz percebeu como era diferente a condição de aluna da posição de educadora.

Era acadêmica de Letras na Federal do seu estado, uma aluna aplicada fascinada pelo conhecimento e as suas aplicações sociais. Detinha de um pequeno saber conferido de seus mestres e de muitas horas depositadas em estudo.

Precisava financiar os custeios referentes aos deslocamentos realizados no coletivo a caminho da academia da mente. Para isso, recorreu a uma possível conquista financeira através da realização de aulas particulares de português à domicílio uma vez por semana.

De início, julgou ser uma boa ideia, era uma excelente forma de compartilhar seus saberes e começar a entender um pouco na prática de sua querida profissão. No entanto, ao divulgar seu trabalho aos vizinhos e amigos percebera a primeira dificuldade que estava prestes a enfrentar.

O desinteresse causava na garota a sensação de menosprezo de suas capacidades. Ela precisava apenas de um aluno, caso conseguisse o seu primeiro pupilo e esse revelasse melhorias no boletim, ela poderia mostrar sua eficiência aquela que nem a estudante sabia que tinha para lecionar. Como poderia colocar os saberes adquiridos em prática se era interrompida antes de começar?

Se já estava difícil arranjar uma atividade complementar na área, imagina conquistar o reconhecimento de seu trabalho na sua futura profissão.

Posicionou o notebook em seu colo e procurou na web alguma fórmula de minimizar esse problema que parecia gigantesco em suas mãos. Digitou em um site de busca os seus anseios indefinidos ainda.

Do lado mantinha um caderno fazendo anotações, o lápis sujava o papel mas não transmitia nenhuma mensagem a não ser o peso de seu coração. As teclas batiam em um estalo como no ritmo de suas pulsações pela educação. Caçar por respostas na mídia desde o seu ingresso na Universidade era algo rotineiro. Era inviável contabilizar, a quantidade de dúvidas gramáticas sanadas após assistir as aulas de seu professor virtual preferido. Era fácil, era intuitivo e era possível.

Antes mesmo de saber as palavras certas da sua verdadeira busca, ela já tinha chegado a sua solução, a produção na web seriam as portas de entrada. Rapidamente, fechou as abas das pesquisas anteriores sobre reforço escolar recorrendo a outra informação a respeito do uso das ferramentas tecnológicas no ensino da educação. Encontrando em blogs algumas resoluções digitais que poderiam sanar o problema manifestado em sua realidade.

Ensinar pelas redes sociais era o que faria, revelaria os seus conhecimentos adquiridos até aquele momento de sua vida e praticaria os ensinamentos de seus mestres. A oportunidade a fez sorrir: como poderia conter a felicidade de experimentar o gozo de sua profissão?

Não queria se dedicar mais objetivando a remuneração mas pensando em sua paixão. Depois de tanto ser ajudada, queria também ajudar. Teria a liberdade de transmitir sabedoria por meio de sua própria voz com a sua marca. A Internet proporcionava essa conexão humana do saber.

— Beatriz, saí desse quarto! E vem almoçar! — Gritou Luísa que não entendia o porquê da filha ficar tanto tempo presa em seu aposento quando tinha tanta tarefa fora.

Escutou a mãe pronunciar seu nome, enquanto batia a porta do quarto anunciando que estava na hora do almoço. Ora, o seu quarto era o mundo, pensara a menina mas não diria a sentença a mãe, essa não se expressava daquela forma por maldade. Entretanto, a sua velha estava certa, ela precisava abastecer o corpo para alimentar a mente, por meio daquelas janelas de conhecimento. Era fácil esquecer das necessidades básicas quando uma descoberta fascinante apresentava novos

horizontes.

Beatriz encontrou o instante oportuno para espalhar a alegria e para explicar para a família as suas primeiras práticas rumo a sua vocação:

— Mainha, serei educadora digital.



Desde março de 2005, João morava com sua família no Sítio Esperança, no interior de São Paulo, propriedade que seu pai herdou do seu avô Ozório. Embora fosse um terreno de pequenas proporções, logo notou-se a fertilidade da terra, bem como a água suficiente para o uso da família, além disso diversas árvores frutíferas e uma bela horta, assim como o ar puro envolvido pelo perfume das flores do jardim que se misturava ao canto dos pássaros.

João tinha um sentimento especial pela terra, às vezes ele sentia medo do sonho acabar, pois ouviu na vizinhança sobre as grandes indústrias que exploram os recursos da natureza utilizando técnicas agressivas, assim poluindo o solo, a água e o ar, além de provocar grandes prejuízos à fauna e à flora. Apesar de ter saído da cidade grande com apenas cinco anos de idade, guardava algumas lembranças tristes.

Não somente dos dias que precisou dormir numa praça com sua família, mas também da falta de emprego para o pai. Uma vez que ouvia o povo dizer, aqui e acolá, que o meio ambiente estava sendo destruído e que assim não sobraria lugar no mundo para viver, bem como histórias sobre pessoas que eram enganadas e levadas de suas cidades para trabalhar como escravas, por isso ficou como um trauma marcado em si.

Seu pai plantava milho, trigo, cana de açúcar e arroz, bem como o seu irmão cuidava dos animais e sua irmã passava horas cantarolando entre as flores que ela fazia questão de cuidar, já o tio era responsável pela horta, por fim sua mãe e sua tia cuidavam da produção de bolos, doces e queijos. Também existiam outros sítios por ali e a maioria realizava suas atividades com respeito e cooperação.

Apesar de a situação da sua família ter melhorado desde que receberam a herança, João carregava uma grande dor na alma, não conseguia entender como o ser humano tinha a coragem de maltratar a terra a ponto da destruição, assim deitava-se na rede a noite, olhava para o céu e chorava por dentro ao refletir naquelas questões. Então o amor que sentia ao ouvir o barulho delicado da água brotando e descendo pela nascente era algo que só ele compreendia.

Aproximava o outono e João andava pela área reservada à plantação do milho, pois queria ver se a terra tinha sido preparada da forma adequada. Como gostava de andar descalço, aproveitou para sentir o friozinho do chão nas primeiras horas da manhã. Então ficou emocionado ao ver o quanto o solo estava propício, assim pegou um punhado de terra e deixou escorrer lentamente por entre seus dedos.

Sentia-se grato a Deus, que ele acreditava ser o criador de tudo em que pulsa a vida, assim olhou com alegria para as poucas sacas de sementes a serem colocadas ali perto, pois logo começaria o ritual do plantio e produziria a esperança de uma colheita farta, dessa maneira passaria a observar o milagre do desenvolvimento, até o inverno, de cada semente plantada.

No galpão, estavam as mulheres da família, cantando durante o preparo do pão, fruto do trigo que havia sido colhido no ano anterior, ali o respeito aos frutos da terra era um hábito. Desse modo, as mãos preparam a massa dando forma aos primeiros pães, assim como o calorzinho do forno era o anúncio do cheirinho do pão que fazia valer a pena cada gota de suor que escorreu pelo rosto.

Nesse meio tempo, João desceu até a cachoeira para apreciar as belezas da água que caía e seguia o seu curso natural. Pois sentia-se feliz com a cana cultivada que agora estava sendo transformada em açúcar na quantidade para suprir as necessidades da casa naquele ano e para vender, uma pequena quantidade, para os vizinhos que trabalhavam com o plantio do feijão e da mandioca.

Mais adiante sentou-se à sombra e fechou os olhos, assim refletia sobre a fertilidade do solo; a importância de respeitar a época certa para o plantio de cada semente; a responsabilidade para com as necessidades da terra; o uso de métodos naturais e simples de produção. Naquele momento ele era todo felicidade. De súbito, foi despertado pelos gritos da sua mãe, dessa forma o sentimento de há pouco foi substituído por um arrepio de desespero.

Nesse íterim, máquinas agrícolas de grande porte invadiam as terras da sua família. Dessa forma, respondendo ao instinto de proteger sua mãe, jogou-se na frente de uma das

máquina e, com dificuldade para pronunciar as palavras, procurou saber o que estava acontecendo, ao mesmo tempo, seu pai, desesperado e trêmulo, trazia alguns papéis que havia recebido de um daqueles homens, por ordem do prefeito.

Pretendiam transformar o terreno em uma fábrica e diziam que o mesmo pertencia a um grande empresário que preferiu não se identificar. Apesar de seu pai possuir a documentação que foi bem guardada no tempo em que recebeu a herança, o tormento continuou e os homens com os rostos cobertos e portando armas, invadiram a casa e roubaram, violentamente, os documentos que provavam a verdadeira posse do sítio.

A família foi ameaçada de morte e recebeu o prazo de dois dias para desocupar o lugar. Assim, não tiveram tempo para retirar todos os pertences e foram abrigados por amigos da localidade. Inquestionavelmente o coração de João sangrou de dor, pois não entendia a ganância e a capacidade de atos tão desumanos, não entendia essa importância absurda do possuir que fazia com que pessoas menosprezassem a vida de outras pessoas.

Aqueles dias passaram lentamente sem que houvesse meios para se recuperar do ocorrido e sem saber como seria a vida. Assim em uma noite, João sonhou com a terra em sua essência: o cheiro das matas; as árvores em crescimento; a amplitude do mar; as estrelas que enfeitam o céu à noite; as estações do ano com as suas particularidades; a chuva que cai forte no telhado. Bem como sentiu a areia da praia tocando os seus pés descalços.

Dessa maneira, ele estava revigorado e ao acordar sentiu seu coração pulsar com esperança e seu corpo ganhando forças, nesse instante desceram algumas lágrimas que pareciam lavar a sua alma que estava em pedaços, logo lembrou da sua família e do quanto gostaria de cuidá-la com todo o amor que sentia vibrar em si. Decidiu que não iria desistir, não tinha condições para lutar contra aqueles homens poderosos, mas sabia que possuía muito a oferecer à natureza.

Resolveu fazer algumas pesquisas e estudar o quanto fosse necessário para compreender a realidade do mundo, pois precisava saber mais sobre o comportamento do ser humano em relação ao meio ambiente e seu esplendor, bem como conhecer novas formas de lidar com a terra a partir dos recursos que agora possuía, dessa forma intensificar a vontade de recomeçar. Já que não possuía condições, pediu permissão ao atual patrão de seu pai para usar o computador, que ele só conhecia de longe, mas conseguiu a ajuda da filha do patrão que estava de férias na fazenda. Entre uma novidade e outra que encontrou na internet, atiou sua atenção a leitura sobre um massacre que havia acontecido em abril de 1996, em que trabalhadores rurais tinham sido mortos ou mutilados, bem como muitas famílias desesperadas. No decorrer da leitura ficou muito reflexivo.

De repente, foi interrompido pela moça que perguntou se estava tudo bem, pois ele estático lembrava do acontecido com ele e seus familiares, então continuou lendo e percebeu que aquele fato tinha uma gravidade extrema, assim a cada trecho que lia se deparava com a injustiça sendo praticada, apesar da expectativa de encontrar, ao final da leitura, um desfecho favorável às vítimas, seu coração sentiu mais uma vez, o peso da impunidade.

A noite chegou e a moça falou que ele poderia continuar suas pesquisas no dia seguinte. Assim, ao amanhecer voltou a sentar-se ao computador, porém para descobrir as belezas da vida e como poderia recomeçar. Ademais, ficou boquiaberto com a agricultura sustentável que respeita o meio ambiente e proporciona excelentes resultados, assim começou a fazer alguns planos em sua cabeça.

Ele passou um certo tempo pesquisando, lendo e buscando informações, assim degustava lentamente, como todo bom apreciador de algo, cada informação nova e desenvolvia em sua mente a capacidade de guardar os conhecimentos. Depois começou a fazer anotações, para que tudo ficasse registrado no caderno, que ele carregava para onde quer que fosse como um verdadeiro tesouro.

Portanto, a busca pelo saber foi de extrema importância e João saiu para conhecer lugares onde pudesse aprender mais sobre a agricultura sustentável e o trabalho realizado na área rural por pequenos agricultores. Desse modo, por mais de um ano viveu como nômade e entre uma dificuldade e uma alegria, João foi construindo um novo caminho e sentiu a melodia da natureza vibrando em seu ser, como a direcionar o seu destino.

La joven Wislawa al ritmo de Mambrú se fue a la guerra
Márcia Batista Ramos

Wislawa Szymborska de niña se mudó a Cracovia y de allí no se movería más. Así que, desde los ocho años empezó a tatuar el mapa de las calles en su memoria: las calles medievales del centro, el parque Planty y la Plaza del Mercado...

Los años de guerra fueron muchos y la escritura era una manera de expresar su entendimiento del mundo mientras oía los bombardeos de cerca y se quedaba marcada por el hambre y el frío. La guerra, sinónimo de miseria y horror, estuvo presente en su cotidiano y le sirvió como funesta inspiración a la que dedicó uno de sus poemas más conocidos. Así, comienzan sus primeros versos: Después de cada guerra /alguien tiene que limpiar. /No se van a ordenar solas las cosas, / digo yo. / Alguien debe echar los escombros/ a la cuneta/ para que puedan pasar/ los carros llenos de cadáveres.

Imagino que la vieja canción francesa Mambrú se fue a la guerra, no sé cuándo vendrá e tumbaba en sus oídos, mientras el cartero, diligente, dejaba una misiva en la casa del suburbio donde ella vivía y decía con simpatía: - espero que traiga buenas nuevas, hasta mañana...

Las noticias eran insufribles, daban cuenta de la muerte de los colegas de escuela, los antiguos vecinos y los primos... Mambrú se fue a la guerra, qué dolor, qué dolor, qué pena.

La guerra, es un espacio de sufrimiento inexplicable, que nadie merece experimentar, sin embargo, a cualquier momento, la guerra llega a cualquier país, destruyendo todo a su paso, hombres, perros, niños, vacas, gatos y flores... Tal vez, por eso, para Wislawa, la mejor parte de la guerra fue haber sobrevivido. Porque el ser humano es un ser imbuido de esperanza y aprecia la vida por las posibilidades que existen mientras está vivo.

Empero, el cartero llegaba a su puerta y un breve escalofrío pasaba por su cuerpo. Las noticias que traigo, / ¡del dolor, del dolor me caigo! /las noticias que traigo /son tristes de contar, /Do-re-mi, do-re-fa, /son tristes de contar.

El novio fue al frente y murió...Que Mambrú ya se ha muerto, ¡qué dolor, qué dolor, qué entuerto!, que Mambrú ya se ha muerto, lo llevan a enterrar.

En medio al vacío y al dolor, ante la irreparable pérdida la joven poeta escribió: Mi caído, mi convertido en polvo, mi tierra.../ y escucharemos juntos tu concha marina,/ y dentro el susurro de miles de orquestas,/ nuestra marcha nupcial.

Las noticias del frente le obligaron a lidiar con la muerte de una manera singular, también con la vida... ¡qué dolor, qué dolor, qué duelo! Es muy probable que el duelo lo llevara adentro, para siempre y eventualmente, lo dejara escurrir por su pluma, en una palabrita, en un verso... Wislawa se tornó escéptica, enigmática, extremadamente reservada, creo que ella fumaba para disfrazar los suspiros... No comentaba sobre su vida, tampoco sobre sus sentimientos. Ya de pequeña sólo le contaba todo a su muñeca de trapo - más tarde confesarían en una entrevista: - porque con esas "barbies horribles de ahora, ¿de qué se podría hablar? ¿De tonos de uñas?"

Y detrás de la tumba, ¡qué dolor, qué dolor, qué turba! Wislawa, trabajó haciendo zanjas en la calle. Después de terminar la educación secundaria, trabajó en los ferrocarriles y, más tarde, ingresó a la Universidad Jagellónica para estudiar Lengua y Literatura Polaca y Sociología, que no concluyó por problemas económicos. En sus años universitarios comenzó a publicar poesía en periódicos y revistas, en una de las cuales trabajó como secretaria e ilustradora; su primer poema publicado fue Busco la Palabra, aparecido en el suplemento literario del diario Dziennik Polski en 14 de marzo de 1945. Año en que Wislawa presenciaba la liberación de Auschwitz, por las tropas soviéticas, también la celebración de los comunistas, que realizaron un recital de poesía para festejar el fin de la ocupación en Cracovia. En el recital conoció a Adam Wlodek, su primer marido. ¡qué dolor, qué dolor, qué trío!

Busco la palabra

Quiero definirlos en una sola palabra:

¿Cómo son?

Tomo las palabras corrientes, robo de los diccionarios,

mido, peso e investigo.
Ninguna
responde
La más valiente – cobarde,
La más desdeñosa – aún santa
La más cruel – demasiado
misericordiosa,
La más odiosa - poco porfiada.
Esta palabra debe ser como un volcán,
que pegue, arrastre y derribe,
como la temerosa ira de Dios,
como el hervor del odio.
Quiero que ésta una sola palabra
esté impregnada de sangre,
que como los muros del calabozo
encierre en sí cada tumba colectiva.
Que describa precisa y claramente
quienes eran - todo lo que pasó.
Porque lo que oigo,
lo que se escribe,
resulta poco,
siempre poco.
Nuestra habla es endeble,
sus sonidos de pronto - pobres.
Con empeño busco ideas,
busco esta palabra -
y no la encuentro.
No la encuentro.

Tecelã de Auroras Matile Facó

Num lugar onde as horas se esquecem de correr, vivia ela, a tecelã de auroras, em cujas mãos o amor se revelava como um fio delicado e inquebrantável. Não era uma descoberta súbita, dessas que atingem o coração como um relâmpago rasgando o véu da noite. Era, antes, um desabrochar lento, um reconhecimento suave das verdades que habitavam as profundezas do ser.

Ela caminhava por trilhas forradas com as folhas do outono, onde o sol tecia laços dourados entre as árvores, criando santuários de luz e sombra. Em cada passo, a tecelã de auroras escutava os murmúrios da terra, as canções secretas do vento, aprendendo a linguagem silenciosa do mundo. Foi nesse caminhar, entre o sussurro das folhas e o abraço das brisas, que ela começou a entender o amor.

Não era o amor das canções e dos poemas, que tantas vezes vestem-se de grandiosidade e de dor. Era um amor mais verdadeiro, feito de pequenos gestos e de presenças constantes; um amor que se constrói no dia a dia, nas partilhas simples, no cuidado sem palavras. Ela descobriu o amor nas mãos que se estendem, nos olhares que se encontram, na compreensão silenciosa que floresce nos momentos de quietude.

Com o tempo, a tecelã de auroras começou a entrelaçar esse amor em suas criações, em cada fio que tecia, em cada cor que escolhia. Suas mãos, outrora ocupadas apenas com as lãs e os tecidos, agora dançavam também com as nuances do sentir, tecendo não apenas mantas e cachecóis, mas também laços invisíveis que uniam corações.

Certa manhã, enquanto o orvalho ainda beijava as flores e o primeiro raio de sol despontava no horizonte, ela entendeu que o amor é a verdadeira aurora que todos buscamos. Não é um fogo que consome, mas uma luz suave que aquece, que permite ver o mundo e os outros com mais clareza e compaixão.

A descoberta do amor transformou a tecelã de auroras. Seus passos tornaram-se mais leves, seus gestos, mais plenos de significado. Ela aprendeu que o amor não é uma terra distante a ser alcançada, mas um solo fértil a ser cultivado todos os dias, com paciência e ternura.

E assim, na quietude de suas manhãs tecidas de luz e sombra, ela continuou a trabalhar, envolta na melodia do amor que finalmente aprendera a ouvir. Seu coração, agora um poço profundo de serenidade e alegria, pulsava no ritmo do mundo, unindo-se à eterna canção da vida.

Nas suas mãos, o fio do amor entrelaçava-se com as cores do amanhecer, criando não apenas tecidos, mas também pontes entre almas, mostrando a todos que a verdadeira descoberta do amor começa no mais íntimo de nós e se estende, infinita, ao encontro do outro.

Reginalda, a galinha
(Raquel Poletto Fonseca)

Era uma galinha de estimação, não era uma galinha de domingo. Criada com toda ternura e zelo que se pode ter por um animalzinho, mesmo ele sendo o prato favorito da família brasileira em seu dia de descanso... Galinha praiana, criada ao som das ondas do mar e da maresia que grudava suas penas. Ciscava e cacarejava alheia ao mundo, tal como é a praxe galinácea de existir e provavelmente não se dava conta de nada disso. Ciscar e cacarejar... essa era Reginalda.

Como seu destino passava longe do fogão e sabendo das habilidades em ciscar a restinga, um belo domingo de sol, Reginalda foi escolhida para uma missão: - "Cisque uns matinhos e uns insetos no jardim do Barão, Reginalda, assim que acabar você volta, fique tranquila!"

E lá se foi Reginalda, no porta malas do Barão, com suas penas ouriçadas, sacudindo para lá e para cá, num movimento ora reto, ora curvo, ora sacudindo que chegava a tontear a pobrezinha. Ainda atordoada da viagem, qual não foi a surpresa da pobre penosa ao se deparar com uma verdadeira mata atlântica de capins tão altos que seus olhinhos não alcançavam o fim.

"Ôxe! Esse Barão deveria aprender a capinar o quintal, eu cisco graminhas, grãozinho da areia da praia, não floresta," arfava indignada! Aos poucos, foi se acomodando naquele matagal, ficou lá encolhida num canto a noite, refletindo.... Pensou em fugir, mas sabia que ser uma galinha era também não ser dona de si. Precisava se adequar ao sistema e, ali, o sistema era bruto!

O tempo passou e Reginalda aprendeu a derrubar e ciscar o capim alto, fracionar ao longo do dia o milho que recebia do Barão pela manhã, fez amizade com alguns insetos, ouvia atenta as histórias do ratinho Abu, que trazia notícias do mundo lá de fora. Quase aprendeu o hino do Vasco com a Calopsita do Barão, mas já tinha sofrimento demais a coitada...

Reginalda se sentia diferente agora. Descobriu um mundo que jamais imaginara, percebeu a "duras penas", que saindo da zona de conforto, fora possível viver novas aventuras e se tornar uma galinha de estimação com histórias para contar.

Mas cá entre nós, um segredo de Reginalda; seu coraçãozinho de 10 gramas, ainda palpita nostálgico por aquela vida pacata a beira mar... não perdeu a esperança de que um dia ela há de voltar.

Era um lugar pequeno, desses onde todos os habitantes se conhecem e se encontram frequentemente. Onde todos têm a mesma rotina dia após dia e são felizes dessa forma. Onde há o padeiro, o padre, a confeitadeira, a doutora, o doido e assim por diante. Onde todos são únicos. Inclusive o gato. Você pode pensar que não há nada de peculiar em um gato, e eu entendo. Mas ele era diferente. Na época, eu era apenas um menino que não dava muita atenção para nada que não fosse colorido, barulhento ou perigoso, mas me lembro bem de tudo.

Quando o gato apareceu, ninguém percebeu de imediato. Era só um gato que estava por ali. Aos poucos, o bichano mostrou que tinha um ritual: exatamente às seis da manhã o gato sentava-se sob a árvore que ficava no meio da praçinha e permanecia imóvel, observando as pessoas passarem como se tivesse analisando-as cuidadosamente. Exatamente ao meio-dia, ele deitava e cochilava até a hora mais quente do dia passar. Se esticava ao acordar e sentava-se novamente para observar o sol se pôr. E às sete da noite – nem um minuto a mais, nem um minuto a menos – finalmente deixava seu posto e saía caminhando tranquilamente, subindo o telhado da casa mais próxima e desaparecendo.

No dia seguinte, na mesma hora do dia anterior, o gato retornava para o mesmo lugar e tudo se repetia. Foi assim que aquele gato começou a se destacar. Sem que os habitantes se dessem conta, o gato virou a principal referência para qualquer tarefa. Todos diziam:

— Chegar lá é fácil. Só seguir reto, depois que passar do gato dobra a direita.

— Vamos sair à tarde sim, depois que o gato acordar!

— Tá na hora de acordar pra ir pra escola, o gato já tá na praça!

— Os benefícios do gato são incontestáveis!

— De que forma nos organizaríamos de forma eficaz sem nosso gato?

Desse modo, a organização dos compromissos, o horário dos encontros e a direção de todos os lugares dependiam do gato.

Ele se tornou indispensável.

Único.

Um dia, quando menos esperavam, o gato desapareceu. Todos passavam pela praça e paravam, procurando incrédulos. Ficaram perdidos, atrapalhados com seus horários. Melancólicos ao passarem pelo local simbólico e não verem sua figura divina sob a sombra da árvore. A sensação que tiveram era que o tempo havia parado e todas as regras, normas e leis foram quebradas.

Imediatamente todas as tarefas estavam suspensas. Ficou claro que algo terrível poderia ter acontecido com o gato. O desespero tomou conta dos cidadãos e encontrar o bichano virou prioridade. Não podiam acreditar que ele tivesse os abandonado. No fim daquela semana, haviam cartazes espalhados por todas as cidades e vilarejos vizinhos, com DESAPARECIDO escrito acima de uma foto do gato em seu local habitual na praçinha e uma lista imensa de telefones para entrar em contato.

Infelizmente ninguém o viu.

Ninguém fazia ideia do que havia acontecido.

Ninguém podia fazer nada.

Os dias se passaram e o gato não retornou. Aos poucos, a vida foi forçada a voltar ao normal. As placas e nomes das ruas eram referências suficientes para chegar aos lugares. Os compromissos da tarde eram marcados para antes ou perto do pôr do sol. As crianças eram acordadas às seis e meia da manhã quando seus despertadores tocavam. E tudo mais seguiu seu fluxo inevitável.

Algumas semanas depois o gato voltou tão inesperadamente quanto havia sumido. Ele surgiu caminhando tranquilamente às seis horas, sentou-se sob a árvore no centro da praça e ficou parado até o meio-dia, quando deitou-se e dormiu até passar a hora mais quente do dia. Ele observou o sol se pôr, sentiu a brisa da noite e às sete em ponto subiu o telhado da casa mais próxima e desapareceu.

Mas as pessoas não deram atenção.

Ele não era mais o gato.

Era apenas um gato como outro qualquer.



Crônicas

Botequim Literário
(Raquel Poleta Fonseca)

Mês de junho, viagem em família para o casamento de um parente na grande Belo Horizonte. Depois dos compromissos nupciais devidamente sacramentados, decidimos fazer o passeio que todo turista precisa fazer; visitar o Mercado Central de BH. Aliás, se você ainda não foi, vá!

Era perto de meio dia, um sábado quente e abafado, já estava quase cambaleando de fome e sede de uma cerveja bem gelada. No calor daqueles corredores, fervilhando de gente, depois de andar em círculos amontoados, enfim, conseguimos entrar num daqueles famosos botequins.

Um zumbido frenético e incompreensível entre pedidos, gargalhadas, música e batucada, pratos aéreos passavam por nossas cabeças nas mãos dos garçons que, certamente poderiam trabalhar como equilibristas no Cirque de Soleil, tal qual deve mesmo ser em grandes centros.

Depois de matar a sede, acomodar a mente em meio a essa erupção de informações, lanço um olhar ao redor na busca de algo reconfortante do cotidiano. Foi quando avistei no fundo do bar um homem junto ao balcão totalmente absorto com um calhamaço de um livro em mãos, já em adiantado estado de leitura. Minha sede até passou!

Como alguém consegue escolher um lugar tão caótico e nada convencional para ler? Nas minhas ilusões literárias, o hábito de leitura me remetia ao silêncio de charmosos cafés. Eu tentava me esgueirar entre as colunas, mas não conseguia ver a capa do livro. Ele ria, franzia o cenho, fazia caras e bocas. Até pedi ao garçom para tentar descobrir o nome do livro, mas meu pedido se perdeu em meio aos torresmos e bebidas para servir.

O sujeito parecia realizado, devorando seu livro tal como eu devorava meu prato. Ao final do livro ele fechou os olhos e sorriu para o nada, parecia em êxtase. Correu os olhos pelo botequim e cruzamos os olhares, imediatamente abriu um sorriso. Deu um último gole no copo, acenou pedindo a conta e antes de ir embora se despediu em Libras do garçom...

Então, peguei meu preconceituoso julgamento sobre “lugares perfeitos para leitura” e bebi junto com uma dose de cachaça que desceu rasgando meus pensamentos naquele botequim literário.

As caixinhas
Thais Castilho

Comprei um quebra-cabeça que vem em uma caixinha decorada vermelha.

Ao me ver montar, minha filha caçula, chega perto de mim e dispara:

- Mamãe, vamos trocar de caixinha.

- Você fica com essa e eu fico com a sua!

De pronto, respondo:

- Negativo. Esta caixinha é minha, ela é do meu quebra-cabeça. Não quero trocar.

- Mas mamãe, esta caixinha é azul! Fica com ela!

A caixinha em questão é uma caixa de papelão azul. Dentro dela, havia uma carteira dada aos pais pela igreja que ela frequenta.

- Não, minha filha! Detesto azul! Quero ficar com a minha vermelha!

E a incansável, apresenta o argumento final, já impaciente com minha resistência.

- Mamãe, esta caixinha é de Jesus e Jesus te AMA! Então, por ele, tem que fazer a troca.

Não aguentei e cai na risada, mas não troquei de caixinha.



Ensaaios

Professor Dr. Mauro Sérgio Santos da Silva

Uma das tarefas mais caras às ciências humanas é a compreensão do mundo em que vivemos, do tempo presente, da sociedade contemporânea. Trata-se de um empreendimento complexo na medida em que não é possível lançar mão do distanciamento histórico, o que impinge àqueles que aceitam tal desafio enorme esforço reflexivo. No entanto, muitos são (foram) os que, ainda assim, debruçaram-se sobre a empresa de descrever e caracterizar a sociedade hodierna. Entre essas tentativas destacamos as seguintes: a Escola de Frankfurt, as ideias de Foucault, Bauman, Debord e, mais recentemente, ByungChul Han que, respectivamente, nomearam a sociedade contemporânea como “sociedade de consumo”, “sociedade disciplinar”, sociedade “líquida”, do “espetáculo” e do “cansaço”.

Para os filósofos de Frankfurt, na sociedade capitalista atual, os indivíduos imaginam conseguir dignidade e identidade por meio da relação trabalho-consumo. No capitalismo, o que dá a sensação de sentido à vida das pessoas é o trabalho que garante a construção da identidade dos sujeitos através do consumo. “É preciso estudar e trabalhar para ser alguém na vida”, “O trabalho dignifica o homem”, “Consumimos, logo existimos”.

Michel Foucault, por seu turno, descreve a sociedade moderna em termos de uma sociedade disciplinar. Nas democracias atuais, há uma ilusória sensação de liberdade. Todavia, alerta-nos o pensador, que o poder, em nossos dias, não está centrado apenas no setor político ou em determinada instituição, mas disseminado por diversas instâncias da vida social. Fragmentou-se, tornando-se ainda mais eficaz. A bem da verdade, nós nos submetemos a sistemas criados por nós mesmos que possuem aparente impessoalidade e onipotência. Suas normas são inquestionáveis e irrecorríveis. Não há a quem reivindicar se “o sistema não permite” ou “está fora do ar”. É o que acontece, por exemplo, quando estamos diante de um caixa eletrônico ou travando uma disputa com qualquer operador de telemarketing quando surge, repentinamente a mensagem: “o sistema não permite esse tipo de operação”.

Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman cada vez mais a sociedade, em geral, possibilita menos contatos entre os indivíduos e estes são gradativamente menos duradouros e consistentes. Vivencia-se relações cada vez mais líquidas, fluidas, volúveis, superficiais. Não há experiências sólidas de utopias, projetos coletivos e engajamento político efetivo. Afirma o pensador: “as relações escorrem pelo vão dos”. Para Bauman, a busca do prazer individual é o fim último da vida das pessoas em nossos dias.

Igualmente relevante é a análise do sociólogo francês Guy Debord que nos conduz à ideia de que “a sociedade do espetáculo é o próprio espetáculo, a forma mais perversa de ser da sociedade de consumo”. É o mundo no qual o superficial e o aparente possuem status de sentido, o “parecer ser” se sobrepõe ao ser, a ficção mistura-se à realidade, o virtual confunde-se com o real. Para Debord, os meios de comunicação de massa são apenas a manifestação superficial mais esmagadora da sociedade do espetáculo, que faz do indivíduo um ser infeliz, anônimo e solitário em meio à massa de consumidores. Os noticiários apresentam uma estrutura melodramática ao passo que as telenovelas criam uma pretensa realidade.

Do ponto de vista cronológico, a mais atual das análises em tela é do filósofo sul-coreano ByungChul Han que define o tempo presente como a sociedade do cansaço ou do desempenho. Tal sociedade caracteriza-se, na esteira do pensador, por um ininterrupto imperativo pela produtividade, pelo resultado, pelo excesso de positividade e pela velocidade da comunicação e da transmissão de informações, bem como por suas respectivas consequências.

Não é preciso muito esforço para perceber que tem se tornado cada vez mais comum o sentimento generalizado de cansaço, fadiga, indisposição e exaustão associados à sensação de dívida, de que é preciso fazer sempre mais, de que nunca é o suficiente e a percepção de impotência diante da vida. Mas, por que isso tem ocorrido? ByungChul Han no livro “A sociedade do cansaço” apresenta uma hipótese muito sugestiva. Conforme o pensador, vivemos em uma sociedade na qual as exigências excessivas foram “naturalizadas”: no trabalho, na vida familiar, nos relacionamentos, nas redes sociais, entre outros espaços; e o próprio indivíduo é forçado a se cobrar por

performances de excelência em todas as esferas de sua vida. Há metas a serem batidas e objetivos a serem alcançados que não permitem aos sujeitos a pausa, o tempo livre, o descanso, o ócio, muito menos a falha ou fracasso.

Tudo o que ocorre em qualquer parte do globo é transmitido de forma síncrona “em tempo real” ou quase imediatamente e os indivíduos se percebem também obrigados a estarem informados acerca de tudo, o que, obviamente, é impossível; por isso o sentimento de frustração em cadeia.

Na sociedade do desempenho, os sujeitos são compelidos a realizar várias tarefas concomitantemente. A imperiosa ideia de que é inaceitável a perda de tempo nos leva a fazer tudo enquanto fazemos qualquer outra coisa: ouvimos músicas, assistimos a palestras, fazemos cursos à distância e peregrinamos pelas redes sociais enquanto dirigimos, realizamos atividades físicas ou o que o valha. A atenção do indivíduo se fragmenta e a superficialidade do pensamento se espalha. Não há tempo para profundidades e reflexões consistentes. Atendemos a demandas do trabalho em nosso tempo livre, assistimos à TV enquanto nos exercitamos, falamos ao celular enquanto dirigimos, trocamos mensagens enquanto estudamos, visitamos perfis virtuais durante as refeições, fazemos compras e divagamos pela internet ao mesmo tempo em que estudamos e trabalhamos; damos aquela olhadela no celular a cada semáforo ou cruzamento (...)

O fundamento teórico desta sociedade aponta-se à disseminação de uma excessiva positividade que é tóxica e deletéria. É preciso estar sempre bem em todos os aspectos. Ainda que no caos, os indivíduos necessitam estar sorrindo, dispostos, disponíveis, bonitos, fisicamente fortes e mentalmente vigorosos; o que naturalmente leva ao esgotamento. Em nosso tempo, está vastamente disseminada a cruel e igualmente equivocada concepção de que todos os projetos e desejos dos indivíduos dependem unicamente de seus próprios esforços e que, portanto, seus insucessos seriam responsabilidade exclusivamente deles. Esta ideologia é difundida pelas teorias de autoajuda, do empreendedorismo, da meritocracia e da teologia da prosperidade. “Você pode. Você consegue”; “Se você se esforçar, você vencerá”. “Basta acreditar (em Deus)”. Portanto, “Se você não venceu é porque não acreditou ou se esforçou o suficiente”.

Mas na vida real as coisas não funcionam bem assim. Nossa trajetória existencial é muito complexa e diversa. As tristezas, as enfermidades, o erro, as adversidades e os imprevistos são componentes dessa aventura a que denominamos existência humana. Negar estes componentes é, isso, sim, desumano.

Posto isto, resta-nos reconhecer que a sociedade contemporânea pode ser pensada como um momento de inflexões e indagações acerca dos modelos econômicos e sociais que estão postos e construídos pelas pessoas que a esta sociedade pertencem. Esses pensadores, juntos, desvelam contradições, paradoxos e dilemas do mundo em que vivemos. Todos eles, de alguma forma, apontam para alguns elementos que constituem o que parece ser o mosaico da atualidade: a alienação, a notória preponderância do indivíduo sobre a coletividade, o consumismo e o hedonismo exacerbados, a superexposição, o desejo de fama mais que de sucesso e realização. A aparente supremacia da aparência, da superficialidade, do relativismo e da fluidez; o excesso de visibilidade que se converte em armadilha; a confusão entre ficção e realidade. A supremacia do tere do parecer ser sobre o ser. E, em decorrência de todos estes elementos, um fatídico cansaço.



Poemas

CRUZEIRO DO SUL

Alberto Arecchi

Estávamos vivendo na nossa melhor idade.
Estávamos vendo África pela primeira vez.
Tínhamos chegado como pacificadores,
para fornecer tecnologia e desenvolvimento.
Achei que meu trabalho podia contribuir
para resolver problemas
de falta de habitação, de fome e sede.
Na verdade, eu era quem sentia
necessidade de viver noutra mundo,
na aventura e na liberdade total,
num mundo diferente e colorido,
mas eu fingia que os outros
tivessem necessidade de mim.
Outros que não me ligaram,
que todos os dias mandavam suas filhas
buscar água no rio,
porque em casa não tinham torneiras
ligadas ao aqueduto,
sem gás, sem eletricidade, sem televisão.
Parecia que as estações nunca deviam passar.
Era um eterno presente,
o passado não existia mais
e não sabíamos nada do futuro.
O Cruzeiro do Sul subia todas as noites
acima do horizonte sul.
A cidade branca ganhava vida,
no hálito quente das monções.
Essa cidade tornou-se desde então
um enorme campo de ruínas,
em que gangues armadas de crianças
brigam todos os dias.
Infelizmente, não é um jogo,
mas a dura realidade da vida cotidiana,
baseado mais em armas do que em pão.
Nós tínhamos uma necessidade terrível
desse “outro” mundo,
porque era a nossa vida,
ali nos sentíamos úteis.
Nos sentíamos em casa quando voltávamos,
toda vez que saíamos do avião
na noite quente.
Os grandes fãs estavam girando.
Após o controle de passaporte,
estávamos saindo
para uma casa à beira-mar,
no meio do deserto, à beira de um rio

povoado por hipopótamos
ou para o pátio de uma casa mourisca,
num oásis perfumado a flor de laranjeira.
O deserto, o mato, a savana
eram para nós como vastos mares,
os trilhos os cruzavam como rotas no mar
e havia portos,
lugares de descanso e encontro.
Espero que lá, além do mar,
você ainda possa esperar por mim
atrás da grade de uma persiana de sândalo,
no cheiro intenso da fumaça do incenso
e flores de jacarandá.
Você vai me receber
com um simples aceno da cabeça
e um gesto carinhoso da mão,
como se eu tivesse deixado
meia hora antes
para pegar o pão ou frutas no mercado.
como alguém de que você conhece bem o ritmo,
o cheiro, a forma dos ombros quando ele sai
e o som dos passos quando voltar.

Alberto Arecchi (1947) é um arquiteto italiano, mora na cidade de Pavia. Tem uma longa experiência em projetos de cooperação para o desenvolvimento em vários países africanos (de 1975 a 1995: Somália, Moçambique, Argélia, Senegal e outros Países do Sahel), trabalhando como professor e especialista em tecnologias apropriadas para o planejamento de hábitat. Regressando a Itália, praticou a profissão liberal, interessando-se sobretudo na restauração de monumentos estóricos, e ensinou em diferentes institutos superiores, a História da Arte, o Desenho e as Técnicas de Construção.

Fundador e Presidente desde 1994 da Associação Cultural Liutprand, de Pavia, que edita estudos sobre a história local e as tradições, sem descuidar as relações inter-culturais (site internet: www.liutprand.it).

Escreve contos e poemas em diferentes linguas e tem participado de concursos literários em italiano, português, espanhol, francês e inglês.

Dois estranhos

Vou tentar me deitar em outras camas, procurar outro corpo que me aqueça para fazer com que a minha mente esqueça que você me deixava ardendo em chamas.

E você vai seguir com suas tramas também, vai procurar um outro alguém, dói pensar em você, mas eu sei bem que a distância entre nós só nos traz ganhos, que começamos iguais a dois estranhos e vamos terminar assim também.

Também quero esquecer suas manias, seu humor, seu sorriso, esquecer o que agora for preciso para conseguir ter paz entre os meus dias. Muitas partes em mim estão vazias, mas eu vou me virar e ficar bem.

Eu vou tentar não buscar em outro alguém o seu cheiro e os seus olhos castanhos, que começamos iguais a dois estranhos e vamos terminar assim também.

Não te sigo nas redes sociais, tem pessoas que eu ainda evito ver porque elas perguntam por você e explicar tudo ainda dói demais. Acho que a pior parte dos finais das paixões é, no fim, ficarmos bem.

Porque quando perdemos um alguém, fica em nós um vazio sem tamanho, de alguém que começou como um estranho e no final virou um estranho também.

Anna Gabryelly

TROVA I

Proporção, unidade até
Batida lenta ou veloz
Que é enquanto não é
A sepultar qualquer voz.

TROVA II

Quiçá, força natural!
Astrolábio no mundo
Tempo, oxalá, tal qual
D'algo, ohhhh, avante sem rumo...

TROVA III

Devagar. Depressa. Tempo.
Cronos. Kairós. Divagar.
Alada semente. Vento...
Cá estou aqui, ora acolá.

Ana Paula

Palavras sobre a grandeza I

Quando me pergunta o que é grande?
Me vejo tentado a buscar
Apego à definição do dicionário,
Mas isso seria pouco
A língua é enorme,
Mas a vida se vai muito mais
Além das convenções e regras
De uma gramática ou manual
Talvez grande seja só um adjetivo...
Ou pode ser a distância entre
Duas pessoas que já se amaram,
Que viveram uma história
E que agora precisam agir como se fossem estranhas...
Talvez grande seja a dor da indiferença
De ser um tanto faz ou um sei lá
Para alguém a quem seríamos tudo que
A pessoa quisesse ou precisasse
Grande pode ser o amor de uma
Mãe ou de um pai por um filho
Que os fazem acordar numa madrugada fria e chuvosa
E descer a lagoa para pescar e levar
O sustento para casa
Grande pode ser a motivação que faz com
Que passemos parte de nossa vida em busca
De sonhos aos quais muitas vezes
Morremos desacreditados que sejam possíveis de realizar
Grande é a ideia de deus, de uma força
Transcendental que dá sentido à vida
E que explica a vida e o sentido para aqui estarmos
Grande.... Talvez seja uma contradição,
Pois no fundo, somos tão pequenos
Em relação à quase tudo
Somos insignificantes? Talvez
Mas é por sermos pequenos que
Conseguimos ver, em 4 d,
Que são as sutilezas, os detalhes
Que tornam o grande como ideal
E está tudo bem,
Pois é nas coisas pequenas
Que a vida acontece, nas frações de um toque,
De um sorriso, um momento, sentimento e por assim vai
Isso assusta, mas é o que talvez torne a vida preciosa e o que nos leva a acreditar ainda
No amor
Que na páscoa que se aproxima,
Independente de crença, fé
Ou orientação
Cada um de vocês possa,
Na companhia dos seus parentes e amigos
Perceber que as conexões de alma
Transcendem as barreiras culturais que criamos
E que ao fazermos isso, talvez,
Estaremos sendo, por um momento que seja,

Conscientes de que isso realmente é algo grande,
Ainda que permanecemos pequenos.

1 José Domingos Angelo Santos é graduado em Letras Português pela UFS e mestre em Letras pela mesma universidade, sendo professor da rede pública de ensino. De quando em quando rascunha pensamentos soltos, aos quais aqui e acolá possuem traços de poesia, escrevendo sobre temas que vão desde o ser ao vazio. E-mail: josevernaculo@gmail.com.

2 Esse poema surge a partir da provocação de um aluno, ao qual sou grato. Ao adentrar na sala de aula o mesmo me abordou sobre o que seria “grande”, para mim. Receoso em relação aos limites de definições frias, busquei na arte a liberdade de circular em diferentes lugares, sem a nenhum pertencer e, após socialização do texto, percebi que fiz uma escolha assertiva. Esse texto é dedicado aos meus alunos, com os quais aprendo sempre.



En el barrio gentry

En el barrio gentry ahora, en este momento
somos dos
Más de cuarenta grados de sensación térmica
Nos conocemos de vista
Ella junta cartón durante el día y a la tarde se toma una birra fría
Yo camino,
Doy vueltas por el barrio
Es un barrio gentry
Nos conocemos de lejos
Una larga fila de turistas se encamina por la bicisenda
Casi nos atropella a las dos
Pasan de largo y ella los despide a los gritos
Ella me pide complicidad y le digo:
¡Tiene razón!

(Buenos Aires, 2024, inédito)

Araceli Otamendi



Reacendendo

Tesão alucinado
as palavras não escondem o sentimento
noite inconsequente
entre beijos e toques
meus dedos matreiros
não deixando nada
pra escanteio, suando
revirando os olhos contorcendo como serpente envolvendo
nossos corpos
me prendendo entre suas pernas aveludadas
o desejo nos contagia
você mulher eu macho
misturado e invertido
entre paredes virtuais
nosso sexo é um dom
sensualidade fértil
com nossas pegadas
efervescentes e seu olhar instigante...
O prazer é iminente

Ariê Vitor de Moraes
poeta das flores

Mãos dos desejos

Mãos que nos tocam
contando uma história de amor
nossos corpos tocados
e a quatro mãos escrevemos o roteiro
sentindo todas as emoções
nossas mãos são parceiras
dos nossos carinhos
desde um toque suave
até uma pegada forte,
mãos de artesanato
esculpindo nossos desejos
provocando doces sensações
de paz, amor e tesão
não sobrando espaço
para outros pensamentos
pelas coisas de fora
dos nossos corpos
florescem desejos
de sentir nossas mãos
por dentro e por fora
fazendo arrepiar
todos os nossos sentidos vitais
do nosso sexo
até nossas mãos

tocarem nossos sonhos.

Ariê Vitor de Moraes
Poeta das flores

Madrugada...

Escancara meus desejos
sentindo teus beijos loucos
tocando teu corpo todo
madrugada insone
perdida na imaginação
me aconchegando em teus seios
são doces e macios
com sua pele negra
teu cabelo afro soltos
parecem fios de aço
me tortura com teu abraço
sentindo teu cheiro de jasmim
sentindo o palpitar dos nossos
corações na mesma cadência
ruidosa no silêncio da madrugada
no lençol rosa acentua
o contraste das nossas aquarelas
a cor do poeta com a morena,
morena da cor de canela
o prazer é insano até o raiar do dia.

Ariê Vitor de Moraes
poeta das flores
29/02/2024

Meus Ipês na Serra

A flor do ipê é bela,
Tem a branca, lilás, a rosa e amarela.

Cada uma com sua essência,
E também sua transparência.

De longe são vistas,
Mediante as suas conquistas.

Em meu terreno lá na serra,
Plantei todas na terra.

Um dia vão florar,
E eu vou apreciar.

Todos os ipês que crescerão e se multiplicarão naquele alto lugar,
E quando tiver o chão cheio de rosas, eu vou me deitar e me lambuzar com Todas as flores
que eu tocar.

Biografia:

Auricélia Melo Feijão.

Residente em Crato-CE.

Idealizadora e Coordenadora do Projeto Leitura na Praça.

Ens. Superior: Universidade Regional do Cariri - URCA.

@psicopedagoga_auricelia_melo / @auriceliamelofeijao

Quem acordou a Bela Adormecida?

Era pequena, nunca cresceu, adormeceu
Algumas vezes leve, atingia a cabeça, os olhos
Insistência em lembrá-la da existência
Acostumou-se, seguiu e com ela cresceu

Os olhos cansaram de tentar enxergar, sem luz
A cólica mensal já se tornara diária, normal
Olhava incessantemente na parede a cruz
Como entender tamanha dor abdominal?

Sem sintomas, sem doenças, só o incômodo
Sem saber de nada dormia sem sonhar
Dia-a-dia, vencida períodos atrás de períodos
E foi assim durante anos, até acordar

De repente tudo que adormecia e doía
Foi embora com a chegada de seu príncipe
E toda dor incolor que ela sentia e corroía
Desapareceu como desaparece qualquer gripe

10.03.24 Bebel Ritzmann

De pensar que a vida é solidão.

Bernardo Santos*

“O mundo se fez ouvir, e bastou uma lágrima apenas para anunciar solidão”.

Marines Correia

I – O início

Que está no princípio.

A vida no exato instante
momento de equilíbrio
que balança, mas não cai.
Homem e mulher nus
corpos fortes
consciências puras.
Alvos ramos de vegetais
cardume no mar
manadas na terra.

II – O silêncio

Sem falar, sem fazer ou ouvir.

E se foi o dilúvio
na face do vento
a vida, caída no chão.

III – Vazio I

O espaço vazio, o vácuo.

Nem lembranças
nem coisa alguma
apenas um sopro
que se desprende
em tantas filosofias.

IV – Vazio II

Que não contém nada.

Passou as guerras
e outras vidas a terra criou,

por isso temos tanto medo;
novos humanos sem sentimentos.

V – Enfim solidão

Um mundo sem companhia, o individualismo.

É tão fácil morrer:
basta iniciar a vida
e sentir no silêncio, o vazio.
O que resta é solidão.

*Autor da peça teatral O Amor Liberta (SCS-SP, 1980), dos romances Depois das Onze (Ateniense, SP, 1988), O aluno do Passado (Ebook Amazon, 2022) e do livro de poesias Poeira de Estrelas e Sonhos (Scortecci, SP, 2011).
www.bernardosantos.com.br



vendaval passa ...

assola a existência
na excêntrica dança do tempo
carrega o que tem no caminho
maloca encantada
onde habita o amor
sobram lágrimas de horror
versos arquivados no coração
poucos restam...

palavras sussurradas
no calor das madrugadas diluem-se na poeira
some o corado das faces
macia cama deitada de flores
agora, lixo acumulado
sem granfinale
até os segredos
guardados a sete chaves
liquidificam
tragédia anunciada?

varais de cores e poesia
dançavam felizes
vida era festa de quintais

rajada vem e leva
redondilhas, ricas rimas
sonetos em sol maior
calmaria latente
pungente paixão
varandas de rede e avencas
versos proféticos
cantigas de ninar
mágicas utopias
afetos singulares
lares de histórias gloriosas
veredas de alegria

nas asas impetuosas
vão -se as noites
cadenciadas de sedução
poesia de protesto e seu refrão

ah, vento sibilante
carrega contigo
a dor sobejada
mas, deixa como milagre
páginas de vida
pétalas de violeta
que colorem o alpendre
do meu enredo

Beth Iacomini

ARREBOL

amanhece
céu aberto
espaço e canto
o amor é tanto
que dói o peito
neste recanto
sobrando verde
azul, me encanto
está tão perto
o rio, miragem
não sei ao certo
se som, se imagem
se lua, se sol

fico a sonhar
catando estrelas
na doce imagem
de raios e luzes
seu corpo divino
que quero tocar
mistura de cores
e dores e gozos
é tudo mistério
o nada, o sério
o belo, o etéreo
de um novo arrebol

Beth Iacomini
SOMOS POETAS

faço-me poesia
para embelezar tua tarde
sol que arde

aninho-me em teus braços
pássaros canoros
compõem nosso idílio

num campo verde
espalhamos versos
deitamos no tapete vivo

alimentamos a esperança
que nos clareia a alma
impossível resistir
à luminosidade de ti

cantamos com a natureza
vento, pássaros, céu

libélulas e rouxinóis
fazem festa solar

anseios guardados de nós
cumprem delirantes
missão maior, dança
no ventre das nossas metas
não reparam nossas loucuras
somos poetas

Beth Iacomini

as fases do nosso amor

você no meu céu brilhou
mulher nuvem, banhada pela luz da lua, me encantou.
no papel as palavras
constroem versos que refletem meus sentimentos e desejos.
a lua cheia (com recheio de amor)
nos acompanha:
casados, amantes e enamorados, trilhamos juntos a estrada da vida
tornamos minguantes as saudades e os medos
e cada ciclo lunar representa as fases do nosso amor:
um novo dia, lua nova, nova vida
nascente, florescendo no jardim dos nossos planos, sonhos e paixão
você, criança, chegará como chega a luz da lua:
terna, leve, serena e encantadora
lua nova, nova vida, novo ser, nosso filho
iluminando nosso viver.

Meu nome é Carlos Henrique, tenho 42 anos, sou casado com a Katerine, professor da rede pública e acredito que a literatura (e a leitura) podem, de certa forma, mudar o mundo à medida em que mudam individualmente cada indivíduo e o seu mundo particular, já que o texto pode nos “abrir” os olhos, tirar a venda da ignorância que nos aliena. Vascaíno, gosto de correr e cuidar das minhas plantas e serei pai esse ano.

Narciso conectado

Você solta um “ahhh” intenso, você não acredita no que vê, você estica a mão até o espelho e toca seu reflexo mergulhado num misto de espanto e encantamento. Você sorri ainda incrédulo, fica alguns instantes em silêncio e decide que vai comprar. Você agradece ao vendedor, você sai feliz da loja e tenta não pensar na dívida que contraiu e que passará os próximos cinco anos pagando. Você entra num banheiro, decide fazer a instalação ali mesmo, você segue os passos do manual, você ouve atentamente o que é dito pela IA de instalação, você insere a nanocápsula que carrega o chip no ouvido, você aguarda os segundos necessários para que ela se desintegre e espalhe os sensores pelo seu cérebro, você sente uma leve pontada na nuca, seus olhos pesam, sua vista embaça, escurece, depois um clarão toma conta de tudo, uma luz forte parece que vai te cegar, você fecha os olhos e os mantém assim pelos trinta segundos recomendados pela IA instaladora, você abre os olhos, você sorri, você grita “caralho, sou eu”, e então você chora vendo sua imagem de dezessete anos de idade refletida no espelho do banheiro. Você sai do shopping embevecido e contente, você anda pelas calçadas sentindo-se realmente outro, suas pernas parecem outra vez firmes, você não sente dor ou cansaço, você pede a IA uma música da sua adolescência, você se emociona com os primeiros acordes, você realmente sente como se tivesse rejuvenescido, você aumenta o som, você canta, você não ouve a buzina, você é atingido em cheio pelo carro autônomo, você ainda consegue escutar alguém dizendo “socorro, chamem uma ambulância, esse senhor foi atropelado” antes de ser tragado pela escuridão silenciosa.

Meu nome é Carlos Henrique, tenho 42 anos, sou casado com a Katerine, professor da rede pública e acredito que a literatura (e a leitura) podem, de certa forma, mudar o mundo à medida em que mudam individualmente cada indivíduo e o seu mundo particular, já que o texto pode nos “abrir” os olhos, tirar a venda da ignorância que nos aliena. Vascaíno, gosto de correr e cuidar das minhas plantas e serei pai esse ano.

Sem título

quando morrer não quero chorar
chorar dói
morrer, não sei
dentro de cada lembrança, embebida em lágrimas, cabe uma fatia de saudade:
do pai
da infância
do cafuné da avó.
hoje acordei no meio de um sonho
eu tinha um olho apenas e chorava
e do meu choro não caíam lágrimas mas sim letras
com as mãos eu tentava segurá-las
mas era inútil
então no chão se formava uma poça
onde se lia:
melancolia.

Meu nome é Carlos Henrique, tenho 42 anos, sou casado com a Katerine, professor da rede pública e acredito que a literatura (e a leitura) podem, de certa forma, mudar o mundo à medida em que mudam individualmente cada indivíduo e o seu mundo particular, já que o texto pode nos “abrir” os olhos, tirar a venda da ignorância que nos aliena. Vascaíno, gosto de correr e cuidar das minhas plantas e serei pai esse ano.

PÁSCOA

Semana pascoal
Momento de reflexão
De cunho pessoal
E familiar.

Momento de celebrar
Morte e Paixão de Cristo
Que com sua eterna e infinita bondade
Deu a vida por todos nós.

Ressureição do espírito cristão
Que brota e renova-se
Em cada coração
De uma só nação.

Carlos Oliveira Nascimento, é natural de Aracaju/SE, reside em Nossa Senhora da Glória/SE. É Historiador e Psicopedagogo, cursando Neuropsicopedagogia, textos publicados em Antologias e Revistas on-line dentro e fora do estado de Sergipe, organizador da I Antologia Sítios-Novenses, fundador do Clube de Leitura Prof.^a Josefa Marques em Sítios Novos/Poço Redondo-SE é apreciador e divulgador da Literatura Sergipana. @uma.boa.leitura10



Alma do pé
 Claudio R. Trindade
Mar azul,
 Turquesa é seu olhar.

Amendoeira
 Em sombra de largas folhas.

Areia fina
 Fervilha ao sol.

Arde e queima
 A alma do pé.

Água fria do rio
 Namora água morna do mar.

Pele ao sol
 Morena fica.

Morro das falésias
 Coloridas, rosa, terra,...

Táípe, praia do sonho.
 Coqueiros e seus frutos.

A brisa na face modela
 A harmonia do corpo.

Alimenta a criação do escritor.
 A escrita satisfaz o leitor.

(História do Brasil Contada em Porto Seguro)

Letras e Arte
 Claudio R. Trindade

Das letras,
À arte de escrever.

Das tintas,
À beleza da tela.

PoemArte,
Brincar com palavras.
Fazer arte em letras.

Nas telas, a arte
Expressa-se com tons diferentes.

Do papel saem sons
Em forma de pensar.
Maneira de ver o mundo,
E se reinventar.

Pintar,
Esculpir,
Pesquisar,
Escrever,...
As artes do saber fazer.

O saber com excelência,
Uma forma de ver e sentir.

Entender as entrelinhas,
Compreender a posição do pé, na pintura.

O olhar que te segue,
A grandeza é saber fazer.

A delicadeza de entender...
A escrita.
A pintura.
A escultura.
As artes e letras vividas.

Falta

Claudio R. Trindade

Estou sentindo falta de ti.
Teu abraço,
o dorso da mão,
O carinho,
O falar baixinho...
Tua boca.
Ah!
Que vazio no peito,
O toque apertado,
Leve, sem pesos,
Sem medidas,
Sinto falta de ti. O vazio dos amores,
Da mãe ao filho,
Do pai à filha,
Dos amores iguais,...
Que vazio!
Quanto tempo para preencher.
Fortalecer de ti, o peito.
De ti sentindo falta.

Felicidade passageira

FIGUEIREDO, Cleverton

Eu não posso te ver partir,
Abandonar tudo e sumir.

Pois você foi um acaso,
Um encontro inesperado.

Do EJEASS para vida.
Da vida, as memórias...

Memórias das nossas aventuras,
Memórias de nossas loucuras.

Mas a liberdade você deseja,
E esse desejo te faz feliz.

Mas para mim a felicidade
Foi enquanto eu te vi sorrir...

Cleverton Santos Figueiredo é um estudante de letras-português, foi voluntário no CAPS Luz do Sol onde ministrava a oficina de leitura e escrita (projeto ABC), fundador do Feira sem Desperdício e membro da trupe da alegria, Cleverton é natural de Nossa Senhora da Glória-SE. O jovem começou a escrever contos e crônicas e após uma oficina de poemas se apaixonou pela poesia e agora se aventura, como aprendiz de poeta, Cleverton Figueiredo possui textos publicados em antologias e revistas digitais.

O Recomeço

Diante dos meus olhos atentos, eu vejo a vida que acontece na beleza de um beijo
Então, deixei ir embora o passado que me aprisionava quando , no seu abraço encontrei o caminho de casa.
Agora, eu posso abrir a porta e te deixar entrar, para comigo celebrar,
Todos os meus medos que portanto tempo foram espanto
Se transformaram em canto dentro de mim
Vou correr entre as flores, e me encontrar na realidade da nossa amizade.
Do tempo que certas vezes pode nos levar de volta só para nós reconciliar com a alegria da poesia que mora no dia a dia.
Eu te conheço, não por vista, mas por lutar, e te obedecer, por não parar , até vencer.
Sinto seu cheiro suave, acompanhado por uma frequência perfeita que me invade.
A sua história mudou a essência, mexeu na minha existência.
O começo, já não me importa porque agora tudo que eu tenho é o a alegria da sua volta.
Batidas na porta, alegraram meu coração, já é tarde, mas preciso tomar uma decisão, eu sigo o som de sua voz caminho entre as luzes da melodia
Sentindo, pulsar da vida que mora dentro do viver, eu continuo eu permaneço porque, o tempo eu já não o percebo .
Então, vou depressa eu desço, abro a porta e te encontro no recomeço

Erica Ladoga

Maria de Fátima do Nascimento Leite é Pedagoga e Psicopedagoga pela UVA (Universidade Estadual do Vale do Acaraú) e Formada em Mídias pela UFRN (Universidade Federal do Rio grande do Norte). Trabalha como pedagoga na Escola Municipal HenriqueCastriciano, atualmente como mediadora de leitura na biblioteca. É coautora do livro Bendita a Mulher e a Sua Literatura, do livro Flor de Sal, Perfis Biográficos, Essência de Nós e do Fanzine Asas de Mãe .Possui vários poemas publicados pela Revista Barbante. É poetisa e busca inspiração em Deus e na natureza.

MULHER, PURA POESIA

Fátima N. Leite

Esse ser.
Que já nasceu predestinado,
Em fazer crescer
Todos que estiverem ao seu lado.

Que parece ter,
Asas ao invés de braços
Para levantar e tecer,
Possuindo o dom de fazer laços.

Cuja força tenaz
Se faz presente,
Em cenas reais
Para salvaguardar os seus entes.

Ela que também,
Sabe ser doce e amorosa
Mesmo quando alguém,
A faz sofrer, chora silenciosa...

Mulher,
Vives com ousadia
Ao enfrentar os problemas,
Com coragem e maestria.
Ao final, de suas lágrimas,
Ainda fazes rimas e poesia.

POETIZAR

Fátima N. Leite

Escrever poesia
É colocar no papel
Palavras, rimas e magia.

É descrever a natureza,
Em seus diferentes tons,
Pleno de singela realeza.

Ilustrar o mundo
Com figuras mil,

Despertando sentimento profundo.

É desenhar na imaginação
Sonhos e projetos
Que ficaram no coração.

É plantar sempre
No seio de alguém,
Esperança, brava semente!

Poetizar é levar
Versos e rimas até o Sol,
E o mundo inteiro iluminar.

Âmago de Mim
Igor Calixto

I

Sou muitos eus em um só
Domado por estes que vivem em mim
Minha parte perversa não sente dó
E me tortura num ciclo sem fim

Mas este eu que, por querer
Consegue ser de todos o mais cruel
É o que tanto ama e me faz sofrer
Como veneno de cascavel

Meus eus convivem comigo
Em mim fizeram abrigo
Como se eu fosse apenas uma morada

Gritam uns com os outros em guerra
Num ato que me soterra
Em minha existência confusa e fragmentada

II

Sou feito de algo que me incomoda
Onde o que é efêmero me esgota
O amor em mim sempre transborda
Por cada canto do meu ser, sem rota

Não existo pra viver de menos
Não molho só os pés, anseio pelo mar
Vivo de atos imorais e obscenos
Sobrevivo como se o mundo fosse acabar

Sentir demais é exaustivo
Meu coração segue furtivo
Na eterna inconstância entre raiva e calma

Quando amo me entrego por inteiro
Num amar sempre verdadeiro
Pois amor pra mim vai muito além da alma

III

Como marinheiro no mar turbulento
Perdido a observar o oceano
Ouço as vozes do meu pensamento
Evocando tudo o que mais amo

Vozes que jamais consigo silenciar
Sussurros que me tiram a razão
Que me lembram do fardo que é amar
Quem nunca me estendeu a mão

O barco que balança sem rumo
Enquanto acendo meu fumo
Estremece mais que minha mente

Procuro pelo espaço mais seguro
Fugindo de tudo que me é tão duro:
O mar revolto, meu amor latente

IV

Próximo do alvorecer do dia
Perdido em mais um verso
Pesa sobre mim enorme fadiga
Sinto-me sufocado, torpe... submerso!

Como um corpo que clama à superfície
Pois pesa em si o volume do mar
Sinto meus pensamentos esmagados
Pelo imenso fardo do verbo amar

Mesmo que nade em mim
Em busca de paz, equilíbrio e liberdade
Permaneço preso nesse encanto bobo
Suave em sua profunda maldade

No íntimo, abriga-se um infame desejo
De continuar a sentir mais e mais
E mesmo que essa sensação me golpeie
De alguma forma também me satisfaz

V

Quando estou com você tudo muda
Sua presença me tira o chão
Sinto também uma dor aguda
Rompendo meu coração

Você diz que me ama
Mas seu amor é apenas de amigo
Então, retorno ao meu drama
De querer você comigo

Queria repousar em seu braço
Ser envolvido pelo seu abraço
Que você nunca saísse daqui

Queria sentir seu cheiro
Ser mais que seu companheiro
Que você ainda estivesse aqui

VI

Na vida tem sido minha sina
Criar barreiras emocionais
Como se pudesse excluir da rotina
O pesado fardo de sentir demais

Mas quem dera fosse possível
Por breve momento silenciar
Dentro de mim a sensação terrível
De não conseguir deixar de te amar

VII

Sozinho, com sua dor cravada na pele...
Morreu de amor
(ou pela falta dele)

Coração de plástico

a civilização contemporânea
é de um canibalismo intransigente
– a verdade é facilmente transmutável
a cultura é um dispensável enfeite
as joias verdadeiras são opacadas
pela fama das joias falsas
neste conglomerado de emoções
violentas,
duras
é fácil fingir cordura, falar de ternura
ocultar a verdade e criar narrativas falsas
– neste mundo somente sobrevive
aquele que possui belas máscaras
é mestre em fingimento
pérfido possuidor de um coração
de plástico moldável
que simula se aborrecer com a maldade
enquanto comete atos de crueldade

Isabel Furini

Fortuna

A minha fortuna se resume nos discos e livros
Nas memórias dos encontros
Nos amigos que fiz
Nos lugares que visitei
Nas paisagens fotografadas
Na memória
Nos abraços que dei
E recebi
Nas lágrimas que verti
No sorriso que recebi
Nas línguas que ouvi
Mundo afora
No canto e desencanto
Que enxugou
Meu pranto
A minha fortuna
É o que vivi.

José Marcos Ramos

MUDANÇAS

Hoje o Sol não acordou
A lua não saiu
O brilho foi se apagando
Quem um dia viu e quase se cegou
Hoje nem acredita no rumo que esse amor tomou
Às vezes me pergunto de quem foi a culpa
Às vezes me pergunto se realmente houve culpado
Perguntas sem respostas
Perguntas sem resultados
Hoje já não sinto saudades
Mas já sofri em um mundo onde não se via luz
Ainda me pergunto onde você está
Me pergunto se está bem
Não te amo mais
Mesmo assim não é como se fosse possível apagar uma história
Tive você!
E hoje já não tenho mais
Nem imaginas o quanto sofri
Não imaginas o quanto amadureci
Cresci e percebi que apenas momentos para mim não têm mais sentido ou valor
Decidi seguir minha vida
Em meio a tantas mudanças e dificuldades
Confesso que às vezes em que me perco e quando me acho, estou perdido
Não sei mais o que falar
Não sei mais o que fazer
O que eu quero ser?
Seguia uma vida sem rumo
Sem significado
Alguns falam
Foi cedo
Outros falam
Foi um erro
Eu confesso que me assustei
Medo?
Senti e não foi pouco
Mas uma hora o medo passa
E com isso eu consegui enxergar que ganhei um motivo
Ganhei um significado
Hoje me levanto e mais uma vez consigo ver o Sol nascer
Percebo o motivo pelo qual nascemos, vivemos, amamos e morremos
Não é fácil, e eu sei
Nunca falei que seria
Não foi do amor que veio
Mas sim para ser amado
Não foi um atraso
E sim um presente
Um motivo
Hoje eu não vivo apenas por mim
Hoje existe alguém que veio de mim
Não desisti do amor
Nem desistir de ser amado
Sou jovem como qualquer outro

E mesmo assim não consigo encontrar significado em amores temporários
Não procuro mais
Mas desejo ser procurado
Decidi deixar a vida levar
Por hora sigo meu caminho sem me preocupar
Mas um dia eu encontro esse tal amor
E quando esse dia chegar
Não o deixarei mais escapar.

José Wilker da Silva Ferreira, é estudante do Ensino Médio e escritor de poesias. Residente em Sítios Novos – Poço Redondo/Sergipe. Com publicações nas Antologias do Colégio Atena 2023 e 2024.

A Girafinha Felícia

Felícia era uma girafinha que não gostava de passear
Saía apenas de casa quando era para pastar
Vivia cabisbaixa por desengonçada se achar.

Do pescoço ela reclamava e do seu tamanho também
Queria ter as pernas grossas e vivia nesse vaivém
Por isso vivia triste e não sorria pra ninguém.

Certo dia uma zebra resolveu com Felícia falar
Achava a girafa tão bela e foi até Felícia elogiar
Parecia uma musa pela savana a desfilas.

A zebra convidou a girafinha para uma corrida fazer
O pasto ficava mais lindo quando ela saía para comer
Ver uma girafa dormindo em pé, coisa linda de se ver.

A girafa se animou e logo o convite aceitou
Participou da corrida e Felícia então ganhou
Passou a se ver melhor e o seu coração se alegrou.

A zebra e a girafa firmaram uma grande amizade
Conversavam constantemente com muita suavidade
Felícia, toda feliz, aceitou suas particularidades.

Felícia compreendeu que existem diferenças
Viu sua própria beleza naquelas terras extensas
Todos que vivem no mundo têm importância em qualquer querência.

Felícia ficou amável e seu sorriso brotou
Passeava pelos campos naquele intenso calor
Tratava todos os bichos com respeito e amor.

As girafas e as zebras resolveram inovar
Criaram um clubinho dedicado ao lazer
A girafinha Felícia ia sempre pra dançar.

Joyce Lima

Nada do que você me disse

JulyanneKim

Nada do que você me disse era real

Cada ilusão mais fatal que a anterior

Afinal, não era amor

Nada do que você me disse importa aqui

Todas as suas mentiras que ouvi

Dias inteiros incapazes de sentir

Para além daqui

Nada do que você me disse tem valor

Tudo cinza, tudo desgastado

Sua voz agora é passado

ME SOLTA...

Me solta... deixaa bola rolar
Como a bolha que se espalha pelo ar
Que nem pipa travessa liberta ao “ventar!”

Me solta... sou criança livre
De pés sujos no chão
Bermuda furada e terra na mão!

Me solta... como flor de laranjeira
Carinhosa ao sorrir
E, singela ao emergir!

Cativeiro é só no coração
Onde a saudade resiste
E o amor cultiva cada boa semente que ainda existe!

Karine Dias Oliveira
Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

Texto de Kim BertranCanut para revista Barbante

Papiamiento Isleño...

Los lugareños están de fiesta, es Mardi Gras (Carnaval) y ya terminaron su jornada de explotación laboral. Acuden a bailar y cantar por las calles. Se oye música de jazz, blues, gospel, soul, rhytmandblues y otros mestizajes. Con el alcohol llegan las borracheras y las reyertas. Los hombres pelean por las chicas indígenas y la Reina mulata del Vudú toma bourbon y predice futuros tsunamis... aquí en la esquina encontrarás ganjah y coñac de caña, guarapo y otras hierbas del campo..Louis Armstrong sopla a la trompeta y la voz de Billie Holiday le acompaña...

© Kim BertranCanut

Barcelona

Kim BertranCanut, nació en 1960 en Pont De Suert (Lleida)

Actualmente reside en Barcelona. Durante 7 años dirigió junto a sus "la asociación cultural CATÁRSIS" Con sede en Barcelona.

Publicaron 13 números de la revista Catársis.

Se aficionó a la literatura y a la fotografía siendo adolescente.

En 1993 publicó la novela: "Imaginación Atrapada" y en 2002 su segunda novela:"El Reflejo de los sueños en lunas rotas (perdido en la eterna oportunidad) Durante años he colaborado con Webs y revistas literarias: Catársis, Factum, EspacioUlises, Archivos del Sur, Barbante, Versos y Archipiélagos, Almiar, Nagari...

O melhor beijo

O melhor beijo é aquele
que é dado com desejo.
Cujo os corações existem sentimentos.
É os lábios se desejam.
O melhor beijo tem desejo.

Um beijo com amor.
Um beijo que espera.
Esse beijo é precioso.
Recheado de sentimentos.
Coberto de amor.

Os lábios se tocam.
As línguas enrolam.
Os olhos se fecham.
A boca movimenta.
E o coração arrebenta.

O melhor beijo é esse.
Beijos com desejos.
Beijos com amor.
Beijos que se desejam.
Beijos que se beijam.

O amor é lindo

O amor é lindo.
Amor bonito.
Amor recíproco.
Cheio de cor.
Colorido é o amor.

Vermelho ou rosa.
Roxo ou lilás.
A cor do amor
é lindo de viver.
O amor é belo.

Amor bonito.
Colorido feito arco-íris.
Lindo de viver.
Vale apenas ter.
O amor é lindo.

Vale apenas
amar você.
Amor bonito.

Amor lindo.
Como é bom amar você.

Biografia:

Liécifran Borges Martins é uma compositora, escritora, parodista e poetisa brasileira. Técnica em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo IFES. Membro da academia interamericana de escritores (AINTE) patronesse Ruth Guimaraes cadeira 39. Participa de diversos concursos literários.
Instagram: @Liécifran Borges Martins

Noite adentro

(Lucélia Santos)

Uma lágrima e pálpebras molhadas Coração a rebentar-se neste deserto Nem sei mais quem sou ao certo Olham e dizem, pobre coitada!

Sofro horas a fio em um pesadelo Uma profunda tristeza me definha Nesta solidão que é tão minha Sinto frio, febre, desespero..

Que o meu verso nunca se cale
Por mais triste e adormecido ao vento Um fogo que consome, um sentimento Que enquanto o céu repousa, me invade

Em uma floresta esquecida adentrei Sem rumo, por entre os arvoredos
De tanto medo, não sentia mais medo
E o vento que acariciava meu rosto eu beijei

Sobrevivo ainda por ter esperança e alento Suspiro, na palidez das rosas brancas Enquanto o silêncio derrama lembranças Nas sombras do vale noite adentro.



BELEZA DE ESTAÇÃO

Paisagem encantada
Alivia tensões
Renova esperanças
... frutos brotam
Natureza em alta
Restaura e acalma
Amadurecem
Produzem novas sementes
Hora de semear
Consciência coletiva
Humanização
Amor ao próximo
Outono de transformações
Presente e futuro dependem de nós
Somos essenciais
Cuidar da colheita
Zelar pelas sementes
Cultivar bons sentimentos
Outono é o momento
Colher, semear e plantar
Amor, compaixão e alimentos
Renova a alma
Fortes emoções
Altos e baixos
Vidas se multiplicam
... folhas caem
A cor do outono encanta
Os poetas mergulham
Palavras se transformam em versos
Versos da mais pura poesia outonal

Luciene Avanzini

RETALHOS...

costuro minhas dores
bebo minhas lágrimas
transformo versos inversos
sinto o perfume das rosas
minha alma engrandece
abraço a Mãe
Teu colo me envolve
anjos cantam louvores
abandono as feridas
aprendi a amar

Luciene Avanzini

BORBOLETANDO

Numa tarde quente de verão
borboletas coloridas fazem seu balé de despedidas
Sentem que a vida é breve
divinamente lindas dançam
belas flores se abrem para a despedida
a sintonia traz ao entardecer uma nova perspectiva
é necessário amarmos mais
desapegarmos muito mais dos nossos medos
as borboletas na janela
bailam lindamente
alegres
coloridas
repletas de vida
visão de uma beleza divina
sinergia poética
plenitude
intensidade de sentir
viver o hoje intensamente
o amanhã não nos pertence
Temos somente o agora!

Luciene Avanzini

O céu em pranto

Magno F. J. Santos

Vem o Sábado de Passos
É o dia de súplica
A despir-se do mundo
E de lançar a túnica

Na Velha Jerusalém
Tiramos as sandálias
Pisamos em "Terra Santa"
De penitências hereditárias

Revestido em mortalha
Com a carne pisada
Reza ao Senhor dos Passos
E à Virgem Amargurada

Com o sino a dobrar
Em uma dor pungente
Vira, para e revira
Como prece dolente

Como um rio de fogo
Sai a procissão
Com os pés flutuantes
Em meio à multidão

E nas mãos escuras
Está a vela a queimar
Preces como fumaças
Para o céu alcançar

E o suor a escorrer
Nos rostos pelo sol castigado
A pairar uma leve brisa
Como um sopro abençoado

Nesta semana chuvosa
Um alento de esperança
"Lava-me de meu pecado"
Nas águas da bem-aventurança

E no Domingo de Passos
A pomba repousa sobre a cruz
O Espírito Santo veio ver
Como cuidam do Bom Jesus

Catharsis Funeris

Sentido ou sentimento, será devaneio?
Noturna sudorese que aos poucos me banha,
Lava, não a alma torpe em que me esteio,
Leva a trama íntima que erige e assanha.

Tremo sem a ventania, ululo irado no calor
Que brota interno do amor agora perdido,
Traveste-se de afago mas é vivaz a dor,
Que carrego no átrio já esquecido.

Façanha mórbida o olvidar da musa,
Companhia etérea, airosa e manente,
Dá-me o colo em confiança que abusa!
Voluntaria a indulgência do bardo descrente.

Na solitude, me invade devaneio romântico,
Na tinta, entrego-o em impulso necromântico,
Quando o sofrer se amalgama à salacidade,
Confunde, amarga, o que é desejo e saudade.

Marcus Hemerly



CHUVINHA

Achuvacaialevinha
Feitoafago de avó
Na cabeça da netinha.

RITUAL DA INFÂNCIA

Vai-seamarrarumalinha
E puxarsemhesitação
O dente de leite mole
Da boca emestação.

DESPERTAR

Cocoricó! Cocoricó!
Tocou o despertador
Que acorda o avô.

TRAJES

Roupa de chita...
Tãobonita!
Há floresaté,
No olhar quefita

CANTOS

Achuvacaia
Aenxurradasurgia
A várzeaenchia
Cantavasapo,
Cantavarã,
Cantava jia.

O BEIJA-FLOR

Imóvel no ar
De marcha-ré
De flor em flor
Vai o beija-flor.

ESTRATÉGICO

Cri cricri...
Muita determinação
De um grilo que quer:
Chamar atenção.

MARIANA DANTAS GUEIROS

.

Soneto de outono
Olivaldo Júnior

Após caírem folhas de minha alma
Me preparei enfim para outro inverno
Essa estação azul que nunca acalma
Quem “primavera” em si verão eterno...

Quem faz nascer do olhar uma outra luz
Que anseia assim por quem a veja além
Das folhas que meus eus desprendem, nus
Que o outono faz perdermos para o bem.

“Excesso, nem pensar!”, diz a razão
Que vive a nos podar com reflexões
Folhas a mais, demais para a emoção!...

Assim, com folhas soltas, sem paixões
O outono, em prece, abraça a solidão
Que nunca aquece as almas, lampiões.

Biografia

Olivaldo Júnior nasceu em Aguai, São Paulo, mas mora em Mogi Guaçu desde criança. Seus pais, sempre que podiam, o incentivavam lhe comprando os discos e os livros que pedia. Apaixonado por arte, é formado em Radialismo: Setor Locução pelo Senac São Paulo e plenamente licenciado em Letras, com Habilitação em Português/Inglês, pelas Faculdades Integradas Maria Imaculada (FIMI).

Seus textos têm obtido diversas classificações, nos mais variados gêneros, em inúmeros concursos literários, regularmente.

Seu contato: @olivaldo.junior.

A LUA QUE ME HABITA

Noites trazem memórias
Viajo pelos olhos da alma
Sinto o perfume do tempo.
Da minha janela, sonhos voam
E a lua vigia meus pensamentos
Intuitivamente, solto o verbo
Escrevo poemas, vejo infinitos.
São Jorge vem ao meu abrigo
Flutuo em seu cavalo, rodopio.
Da minha janela, um mundo se abre
A lua me habita, saio do abismo.

O MUNDO É UM MOINHO

Ventos sopram incertezas
Encontros liquefeitos
Foz me atormenta

NOVO AMANHÃ

Manhãs abrem os sonhos
Ondas trazem horizontes
Sóis e luas brincam de esconde-esconde
Vislumbro outros infinitos.
Ocaso-me em tons de laranja
Brisas suaves entregam-me a noite
Adormeço borboleta.
Minutos, horas, dias caminham serelepes
Sigo os passos dos girassóis
Na revoada das andorinhas.
Minha jornada é lilás
Adornada pelo canto dos bem-te-vis.
Como fênix, recomeço infinitas vezes,
Bailando sobre meus pensamentos,
Seguindo a trilha soprada pelo tempo.

Rita Queiroz

Notícias de sangue

Palavras sangram
Letras sofrem
Choram lágrimas e ais
Nas notícias de sangue
Dos dias atuais

Crianças são mortas
Por balas perdidas
Os homens esqueceram
O valor de uma vida

A omissão dos poderosos
Tem a força do canhão
Destroem povos
Pela vil corrupção

Pessoas morrem
Em acidente de avião
Devido a tristeza
De um triste coração

O terror extermina
Através da intolerância
Mundo sem rumo
Caminho sem volta
Sem esperança

Nações sem norte
Rumam para morte
Reféns do horror
A fria sorte

Diariamente,
A terra sangra
Notícias de dor
Notícias de sangue.

ROBINSON SILVA ALVES

MINIBIOGRAFIA

Nome: Roselena de Fátima Nunes Fagundes

Cidade, estado e país: Camaçari/Bahia/Brasil

Minibiografia: Gaúcha, radicada na Bahia. Professora, pedagoga, psicopedagoga, escritora, poetisa. Publicações em Antologias, coletâneas, blogs, revistas, mídias digitais. Primeiro livro: Sentimentos em poesias.

Instagram: @roselenafnf

SER MULHER

É um ser tão sensível
com a força do feminino,
uma criatura incrível
com coração definido!

É um forte furacão
com doce calma,
numa grande paixão,
buscando sua vitória!

É a própria persistência
de lutar pelo seu direito,
numa grande resistência
do feminino ser aceito!

Roselena de Fátima Nunes Fagundes

EM MEU LUGAR
Samuel de Mattos

Vais por mim
Porque por ti já fui
Há muito tempo
Foi tão ruim
Porque por mim
A vida se exclui
Preciso de outro alguém
Que só pode ser tu

Colocas um fim
Em minhas derrotas
E diluas todos os
Pedregulhos do além
Que fazem com que o céu azul
Jorre uma chuva ácida em mim

MEUS SONHOS
Samuel de Mattos

Meu sonho ressoou dos céus
Em plenos olhares serenos
Tecidos de seda o fizeram
E assim me deram
Uma realidade saborosa
Como o sumo do néctar
Das flores silvestres
Dos campos na tarde crepuscular
A ponto de o meu mundo naufragar
No mar de cima.

Meu sonho era tão comum
Vi nos interiores florais
Desfazer-se como a espuma
Por entre ventos frescos
Sempre de mim fugindo
Da minha felicidade
Prestes a degustar o futuro
Repleto de contemplações
E para nunca acabar
No mar de baixo...

SONETO DA VIDA

Samuel de Mattos

Dorme, viceja, minha vida serena
Profunda, suave tua luz divina
Canta, brilhando, vida morena
Sempre bailando na brisa, menina

Buscam, me beijam teus sonhos perdidos
Fecha e se abre a sábia franqueza
Sincera tristeza dos enfurecidos
Ama e me mata tua pura realeza

Reais e fatais regem seus hinos
Me envolvem inteiro a alma
Macia e pequena dos sinos

Desmancha amores de horrores
Dançando no leito da mágoa
Frias e quentes lágrimas de dores!

Samuel de Mattos é poeta e escritor. Interessado por temas polêmicos, sombrios e melancólicos, escreve textos com base nos seguintes gêneros: romance, drama, suspense, mistério e policial. Possui diversos poemas e contos publicados em revistas e coletâneas literárias nacionais. É autor dos livros: *Aqui estamos sós* (2020) e *Polifonia do abismo* (2021). Também é organizador dos dois volumes da obra literária *O mundo de todas as cores* (2019, 2022). Faz parte do corpo editorial da Revista Barbante. No meio acadêmico, possui Graduação, Mestrado e Doutorado em Letras.

Jesus é o Amor

Na cruz brotou
A morte, a ressurreição e o amor.
Na cruz Jesus venceu a morte,
E com sua ressurreição nos mostrou que o amor é maior do que a morte e que O amor por nós é enorme.

Um amor que vai além do nosso pecado,
Um amor que nos consola,
Um amor que nos abriga.

Um amor que nos faz renascer todos os dias,
Mesmo nos dias mais escuros
Que não vemos a luz.
Mas Jesus germina o amor em cada dia nosso.

O amor de Jesus é o mais belo,
É o mais belo amor que já tivemos
E que temos esse amor todos os dias em nossa vida.
O que nos falta é nos abrir para esse amor tão grande e tão belo.

Um amor que tem o melhor da vida e o melhor que existe no mundo,
Este é o amor de Jesus.

Que o amor seja vivido em cada lar,
Em cada sorriso,
Em cada partilha e em cada olhar,
Em nossas famílias na Semana Santa,
Pois este é o amor de Jesus por nós,
Por cada um
Este é o amor fiel e verdadeiro.

Biografia:

Thais Faustino Bezerra - Gosta de escrever e compartilhar girassóis em Escrita da Girassol (@escritadagirassol).
Gratidão, Deus!!!!

Lamentos de Gaia

Você nunca fecha os olhos para as obrigações,
Pare pelo menos um minuto
Converse comigo e esqueça os estudos,
Pense quantas chances a vida nos dá.
Você vai acabar tropeçando nas pedras.

Eu não fecho os olhos, tenho medo de sonhar
Se alguém quiser falar comigo
Estarei no porão, encolhido nas sombras
Esperando que esse dia acabe.

Você nunca fecha os olhos para sonhar,
Eu tento entender o perdão e o amor,
Nossas crianças estão sozinhas em casa.
Enquanto esquecemos das origens.

No hospital não sabem por onde começar,
São tanto os feridos e eu também estou na lista,
Todos andam erradamente pelo metro e eu estou lá,
Todos estão indo para a central, talvez ela também.

Nós queremos fugir fechando os olhos,
Virando as costas indo embora,
Mas o mundo nos engole se fecharmos os olhos.
É que os filhos de Gaia estão morrendo,
Todos têm medo de assumir a culpa e eu também.

Tiago Malta A.K.A. Miçanga!

MAREZIA

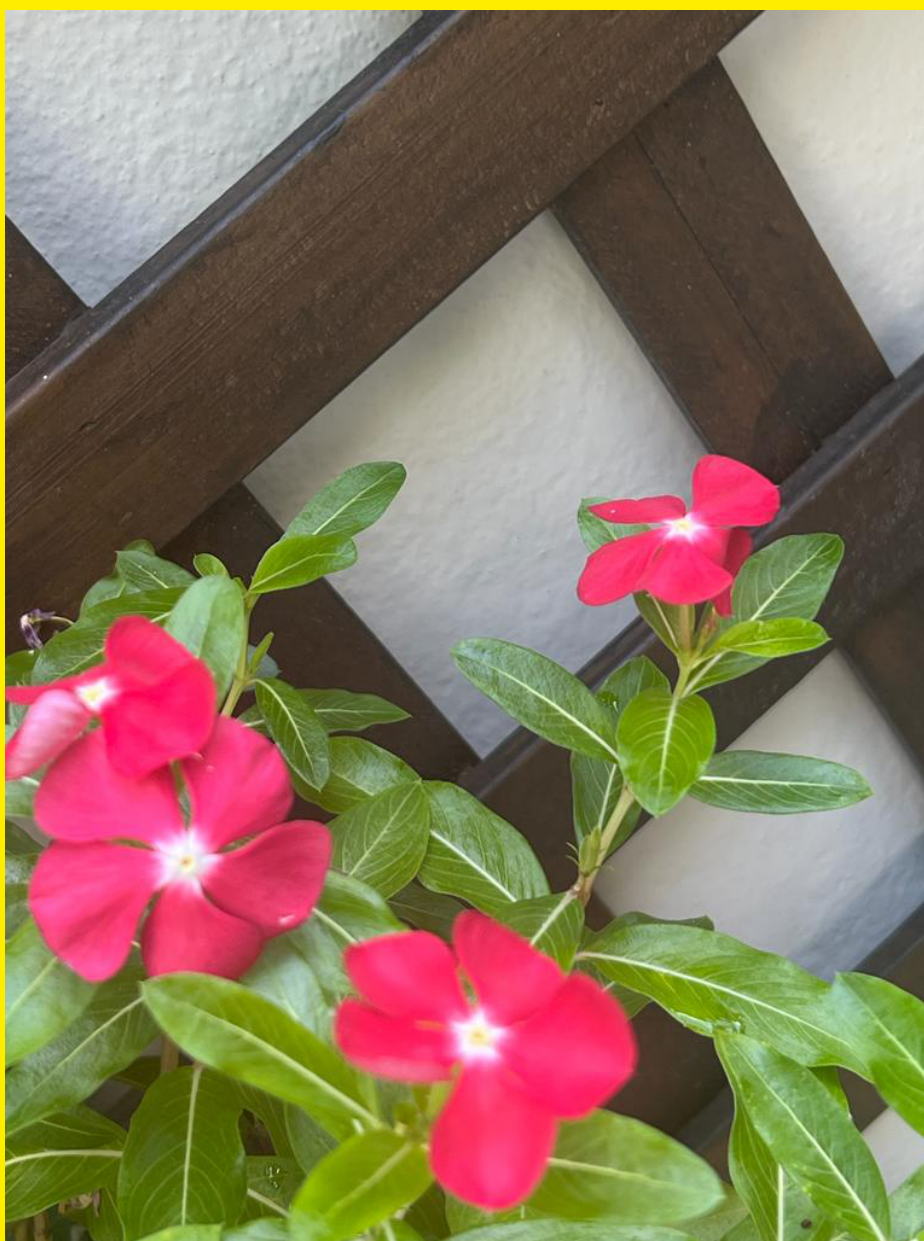
Paixão inebriante diante da perdição do meu ser,
Melancolia apaixonante,
Tão perto, mas tão longe de você.

Sua voz acalentada
Sussurra as mais amargas verdades,
Levando a minha alegria embora,
Só deixando saudades.

Por fim, a deriva em um mar de culpa,
Eu fujo sem deixar rastros,
Me deixo apodrecendo,
Corroído pela maresia que devora os mastros.

Víctor dos Santos, é natural de Nossa Senhora da Glória/SE e reside em Sítios Novos – Poço Redondo/SE, Estudante do Ensino Médio. É Estudante Jovem Monitor. Textos publicados em algumas Antologias e Revistas dentro e fora do estado, participante de concursos literários, membro do Clube de Leitura Profª Josefa Marques.





Resenhas

Resenha

"Bom-Crioulo" é uma obra literária do autor brasileiro Adolfo Caminha, publicada pela primeira vez em 1895. A história se desenrola no contexto do final do século XIX, no Brasil, abordando temas como racismo, homossexualidade e as complexidades das relações sociais da época.

O enredo central gira em torno de Amaro, um marinheiro negro conhecido como Bom-Crioulo, e Aleixo, um jovem marinheiro branco. Amaro, um escravo liberto, encontra-se em um romance clandestino com Aleixo, um marinheiro inexperiente. A narrativa descreve o desenvolvimento desse relacionamento homoafetivo em meio às tensões sociais da época, principalmente a bordo de um navio.

A relação enfrenta desafios significativos devido ao preconceito racial e à homofobia presentes na sociedade brasileira do século XIX. Mesmo após a abolição da escravidão, Amaro continua a enfrentar barreiras sociais devido à sua raça. A trama se desenrola enquanto o navio atraca no Rio de Janeiro, explorando as consequências do amor proibido entre Amaro e Aleixo.

Dentre os temas abordados, destaca-se o racismo e preconceito, evidenciando as dificuldades enfrentadas por Amaro em uma sociedade ainda permeada por discriminação racial. A obra também lança luz sobre a homossexualidade em um contexto onde relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo eram socialmente rejeitados, explorando as pressões sociais e os preconceitos enfrentados pelos protagonistas.

A análise das relações sociais e hierarquias a bordo do navio revela as complexidades entre os personagens, destacando diferenças de classe, status e poder. A quebra de normas sociais pelos protagonistas resulta em consequências pessoais e sociais negativas, incluindo a rejeição social e as dificuldades enfrentadas.

O estilo literário de Adolfo Caminha é realista, caracterizado pela descrição detalhada dos personagens, cenários e eventos. Essa abordagem contribui para a atmosfera densa e realista da narrativa, acentuando a complexidade dos temas explorados.

"Bom-Crioulo" é reconhecido como uma das primeiras obras da literatura brasileira a tratar explicitamente a homossexualidade. Embora tenha gerado controvérsias e críticas em sua época, ao longo dos anos, a obra tem sido valorizada como uma contribuição significativa para a literatura brasileira, explorando questões sociais e humanas profundas.

ALEXANDRE DOS SANTOS



BIOGRAFIA DA ILUSTRADORA DESTA EDIÇÃO

Lígia das Neves

Professora da educação básica e do ensino superior, com Graduada em Matemática e pós-graduação em Educação. Os vários anos nessa função e na gestão pública foram mesclados pela contemplação de dádivas da natureza, especialmente as plantas e as suas flores. Fotografa-las tem sido o modo de capturar a simplicidade e a exuberância da sua presença.

REVISTA BARBANTE
ANO XII - NÚMERO 61 - 31 DE MARÇO DE 2024

ISSN 2238-1414
12 ANOS

Periodicidade
Mensal

Editores
Rosângela Trajano da Silva
Samuel de Souza Mattos
Monalisa Carrilho de Macêdo

Revisão
Dos autores

Conselho editorial
Maria Reilta Dantas Cirino
Shirlene Santos Mafra Medeiros
Beth Iacomini
Juli Lima
Maria Emília Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner
Danda Trajano

Autor corporativo
Rosângela Trajano
Natal – Rio Grande do Norte

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

